

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Diálogo museu-escola: práticas e possibilidades do ensino-aprendizagem**

CUITÉ - PB

2011

UFCG/BIBLIOTECA

**ISRAEL DA SILVA ARAÚJO**

**Diálogo museu-escola: práticas e possibilidades do ensino-aprendizagem**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Ensino-Aprendizagem, em cumprimento às exigências para obtenção do título de especialista em Educação.

Orientador: Dr. André Antunes Martins

CAMPINA GRANDE - PB

2011

UFCG/BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Junho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

A663d Araújo, Israel da Silva.

Diálogo museu – escola: práticas e possibilidades do ensino-aprendizagem. / Israel da Silva Araújo – Cuité: CES, 2012.

58 fl.

Monografia (Curso de Especialização em Educação com Foco Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2012.

Orientador: Dr. André Antunes Martins.

1. Museu. 2. Sala de aula. 3. Diálogos. 4. Educação formal e não-formal. I. Título.

CDU 37:069

ISRAEL DA SILVA ARAÚJO

## **Diálogo museu-escola: práticas e possibilidades do ensino-aprendizagem**

Trabalho Acadêmico Orientado apresentado ao Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG para encerramento do componente curricular e conclusão da pós-graduação em educação.

Aprovada em: \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

### BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Nota \_\_\_\_\_

Doutor Prof. André Antunes Martins - UFCG

**(Orientador)**

\_\_\_\_\_  
Nota \_\_\_\_\_

Doutor Anderson Scardua Oliveira - UFCG

**Examinador**

\_\_\_\_\_  
Nota \_\_\_\_\_

Doutora Marli Hermenegilda Pereira – UFRJ/DLC

**Examinador**

\_\_\_\_\_  
Nota \_\_\_\_\_

Doutor José Carlos de Freitas Paula – UFCG

**Examinador - Suplente**

UFCG/BIBLIOTECA

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, à minha irmã, minha esposa, minha filha e o meu filho: grupo contribuinte de minha formação diária do conhecimento.

## RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a possibilidade de práticas de diálogo entre museu e sala de aula, discutindo tendências e procedimentos que estão sendo apropriadas por estudiosos da educação e da museologia, sobre utilização/diálogo da educação formal com a não formal na construção do conhecimento atual. Retratamos lugares, sujeitos e conceitos sobre o ensino-aprendizagem e algumas possibilidades de diálogos entre eles: utilizamos como exemplo prático o Museu do Homem do Curimataú, espaço museológico do município de Cuité-PB, algumas escolas circo-vizinhas e seus sujeitos. Optamos como metodologia a oralidade: entrevista/conversas, reforçada por cadernos de campo e relatórios, os quais demonstram caminhos para os atuais espaços praticados pelos sujeitos da educação. Tópicos separados (em dois capítulos) que se entrecruzam, tecidos numa trilha do saber pelas vozes dos colaboradores. Buscamos dialogar acerca dos discursos (teoria) de/com alguns autores/interlocutores que nos ajudaram a pensar sobre as possibilidades (e dificuldades) da construção do conhecimento, também, para a além da sala de aula.

**Palavras-chave:** museu, sala de aula, diálogos, educação formal e não formal.

## ABSTRACT

This work seeks to reflect on the possibility of dialogue practices between museum and classroom. class, discussing trends and procedures that are being appropriated by scholars of the education and museology, on the use/dialogue of formal and non-formal education in construction of current knowledge. We portray places, subjects and concepts about teaching and learning and some possibilities of dialogues between them: we use as an example the Museu do Homem do Curimataú, a museum in the municipality of Cuité-PB, some neighboring circus schools and their subjects. We chose orality as a methodology: interview/conversations, reinforced by field notebooks and reports, which demonstrate paths to the current spaces practiced by the subjects of education. separate topics (in two chapters) that intertwine, woven in a path of knowledge by the voices of the contributors. We seek to dialogue about the discourses (theory) of/with some authors/interlocutors who helped us to think about the possibilities (and difficulties) of the construction of knowledge, also, beyond the classroom.

**Keywords:** museum, classroom, dialogues, formal and non-formal education.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Vista látero-frontal do Museu do Homem do Curimataú.....	30
Imagem 2 - Espaço de mobiliários domésticos da década de 1960.....	32
Imagem 3 - Espaço agrícola da década de 1960-1980.....	32
Imagem 4 - Espaço de objetos diverso da década de 1960-1980.....	32
Imagem 5 - Solicitação de relatório ao professor colaborador .....	35
Imagem 6 - Mural do pequeno visitante (semana do poeta no museu, out. 2010).....	43
Imagem 7 - Acervo dos poetas cuitienses (semana do poeta no museu, out. 2010).....	43
Imagem 8 - Dinâmica em grupo, jogo poético (semana do poeta no museu, out. 2010).....	43
Imagem 9 - Dinâmica em grupo, jogo poético (semana do poeta no museu, out. 2010).....	43
Imagem 10 - Recanto do poeta (semana do poeta no museu, out. 2010).....	43
Imagem 11 - Apresentação de poetas (semana do poeta no museu, out. 2010).....	43
Imagem 12 - Apresentação de poetas (semana do poeta no museu, out. 2010).....	43
Imagem 13 - Visita de alunos do município de Cuité (julho 2011).....	44
Imagem 14 - Visita de alunos do município de Cuité (julho 2011).....	44
Imagem 15 - Visita de alunos do município de Cuité (julho 2011).....	44
Imagem 16 - Visita de alunos do município de Cuité (julho 2011).....	44
Imagem 17 - Visita de alunos do município de Cuité (julho 2011).....	44
Imagem 18 - Visita de alunos do EJA do município de Picuí-PB (agosto 2011).....	45
Imagem 19 - Visita de alunos do EJA do município de Picuí-PB (agosto 2011).....	45
Imagem 20 - Visita de alunos do EJA do município de Picuí-PB (agosto 2011).....	45
Imagem 21 - IV mostra de Biologia do CES no Museu (novembro 2011).....	46
Imagem 22 - IV mostra de Biologia do CES no Museu (novembro 2011).....	46
Imagem 23 - IV mostra de Biologia do CES no Museu (novembro 2011).....	46
Imagem 24 - IV mostra de Biologia do CES no Museu (novembro 2011).....	46
Imagem 25 - Coleta de fósseis na serra do Araripe CE outubro 2011) .....	47
Imagem 26 - Coleta de fósseis na serra do Araripe CE (outubro 2011) .....	47
Imagem 27 - Visita a Baraúnas (coleta do fóssil da preguiça gigante setembro 2011).....	47
Imagem 28 - Visita a Baraúnas (coleta do fóssil da preguiça gigante setembro 2011).....	47
Imagem 29 - Exposição de fósseis no MHC out. 2011 (Serra do Araripe-CE).....	47
Imagem 30 - Exposição de fósseis no MHC out. 2011(preguiça gigante Baraúna-PB) .....	47
Imagem 31- Sítio Olho D'Água da Bica- Cuité-PB .....	48
Imagem 32- Apresentação de fantoches no Sítio Olho D'Água da Bica (IV FUI 2010).....	48
Imagem 33- Fantoches apresentados no Sítio Olho D'Água da Bica (IV FUI 2010).....	48
Imagem 34 - Equipe de apresentação de fantoches no Olho D'Água da Bica (2010).....	48



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
-----------------	----

### Capítulo I

<b>Lugares, Sujeitos e Conceitos: (Re)Conhecendo os Territórios da Educação.....</b>	<b>11</b>
1. Escola: seus lugares, seus sujeitos e seus deslocamentos.....	11
1.1 O Educador: seu papel, suas táticas e estratégias de mediador .....	12
1.2 O Educando: objeto e sujeito da educação .....	16
2. O museu: espaço de (construção de) conhecimento .....	19
3. Educação formal/não formal: diálogo dos espaços .....	24

### Capítulo II

<b>Discursos que Constroem espaços de Ensino-Aprendizagem .....</b>	<b>28</b>
1. Território de ação: Cuité, seus lugares, suas estratégias .....	28
1.1. O Museu Homem do Curimataú: sua história, suas possibilidades .....	30
1.2 Os professores: encontros, dizibilidades e práticas pela educação.....	34
1.2.1 Táticas e práticas de professor.....	36
2. Diálogos que propõem (propuseram) práticas entre museu e escola .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

Em referência ao ensino-aprendizagem consideramos, costumeiramente, a sala de aula como meio e local único de se educar, sendo o principal lugar utilizado pelo ensino da escola tradicional, a sala de aula corresponde ao espaço utilizado pela instituição escolar, onde aquilo que foi selecionado, sistematizado, é imposto pelo professor que tem diante de si um grupo de futuros cidadãos até então “incapazes”, mas que por meio dela “conseguirão” o conhecimento. Porém, mudanças rondam os espaços, os sujeitos e as representações acerca da arte do ensino. Deslocamentos conceituais que ora esfumados, ora nítidos, sobrevoam, roubam, levam e trazem peças desse grande quebra-cabeça chamado de educação. Segundo Brandão (2010), podemos chamar tudo isso de crise dos paradigmas.

Essa crise, além de outras coisas, torna possível repensar a educação, trazendo-a para um lugar tomado por “novas” necessidades, meios e modelos educacionais, que são, além de tudo, problematizados, questionáveis. Permite refletir sobre possibilidades múltiplas de valorizar e fomentar outras ações de desenvolvimento educacional na sala de aula e para além dela. O modelo tradicional, que por muito tempo foi utilizado pela maioria dos educadores, que orientou muitos da geração passada, nesta, tem sido foco de questionamentos e incertezas. A crise disposta não permeia somente a educação, mas todas as esferas sociais, as quais sentem a necessidade de reajustamento e readequações permanentes, uma imposição extremamente imperialista do mercado mundial: efeitos da globalização.

Estamos caminhando “atraídos” por um redemoinho que tenta nos direcionar para seu vértice, nos deslocando para mais longe de uma educação livre de amarras e dispositivos pré-formatados (se é que exista esse uma educação livre). Ele nos faz “virar” para o determinismo comercial, que prioriza números e esquece da experiência, da construção do saber-fazer, do saber-viver, da invenção da próprio saber, do próprio conhecer, do tempo e das subjetividades, que, na maioria das vezes, para se conhecer tem que ir para além de uma educação bancária (depositária, somente de repasse). Contra isso, será necessário até mesmo ir para além dos muros colegiais, bem como, interagir e reconhecer a comunidade e até mesmo a si próprio.

A busca de uma educação capaz de se refazer cotidianamente poderá facilitar a construção de um sujeito mais educado e menos técnico, que possibilitasse a assimilação dos conteúdos e maneiras de ensinar e do aprender de cunho valorativo. Como? Esse é um dos pontos chave, que aqui nos propomos problematizar. Trataremos, por isso, a sala de aula

como um dos lugares possíveis, mas não o único, para se educar e educar a si, ao invés de pensá-la levando o conhecimento de forma simplista: a quem “não o tem”, pensamos que ali e também fora dali existem múltiplos momentos e espaços do saber, um mundo complexo para aprender e para ensinar, repleto de possibilidades, mesmo sabendo que nada está pronto e acabado.

Tal pensamento é reflexo da pós-modernidade iniciada por volta da década de 1930<sup>1</sup>, que amplia, além de outras coisas, a perspectiva de ensino-aprendizagem, tornando a sala de aula um espaço para além da verdade individual pertencente ao professor. Trabalharemos aqui, com o pensamento de que não existe discurso fechado, último, advindo de um só lugar, uma só via, mas, discursos e discussões que levam/trazem conhecimentos, sendo e/ou deixando ser, o próprio aluno também construtor/reconstrutor de sua educação. Conforme Freire (1987), “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca, inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros”, uma busca partilhada de novas rotas e vários espaços do saber.

É nesse sentido que entendemos o ensino-aprendizagem, como uma relação, uma interação de saberes, em meio a esse novo mundo, uma via de possibilidade para esse mundo tão “uno” (globalizado) e tão excludente. Porém, como sabemos, se para cada ação cabe uma reação, vemos que revoluções ordinárias e cotidianas são necessárias, isso no sentido de resistência e persistência de dizer não a certos discursos. Nesse caminho estaremos problematizando os espaços de desterritorialização (pensar um novo espaço) e reterritorialização (consumir este novo espaço, mesmo sendo no próprio) do ensinar e do apre(e)nder, pensando que tipo de educação contempla e aglutine esses “dois” momentos (o do ensinar e o do aprender).

Pensando sob esta perspectiva não pretendemos abrir a porta da sala de aula e buscar o conhecimento lá fora, mas entender as possibilidades de diálogo entre esse mundo interno e externo duplamente conceitual e repleto de possibilidades e limitações. Da mesma forma, não colocaremos o museu como espaço livre de qualquer vestígio tradicional, ao contrário, a percepção aberta a essas possibilidades móveis de pensar a educação para além do tradicional:

---

<sup>1</sup> Este período refere-se ao início dos trabalhos da chamada *École des Annales*, que apesar de ser coordenada por um grupo de “novos” historiadores não se restringiu a esse segmento, pois a geografia, a filosofia, a educação, entre outras disciplinas permitiram-se rever posicionamentos acerca dos seus objetos de estudo. Iniciou-se ali, a ampliação de uma série de transformações conceituais do pensamento acadêmico contemporâneo.

encontrar possibilidades de antiterritórios (antipadrão), com os deslocamentos geográficos e conceituais (mesmo a sala de aula pode ser desterritorializada).

Possibilidades de potencializar os momentos e espaços formais e não formais, como lugares de construção conhecimento, é nosso propósito. Digo formal dentro do lugar colegial e não formal para além de seus muros. Por isso, faremos uma ponte entre a sala de aula e outro(s) lugar(es) fora dela, que optamos pelo Museu do Homem do Curimataú, do qual participamos de sua direção, e que tomaremos como lugar a ser problematizado no tocante a espaço não formal/formal dependendo das falas e peculiaridades dos nossos colaboradores e da natureza institucional deste lugar.

Buscaremos entender como esses lugares são/foram construídos e seu atual comportamento (crise de paradigmas) e diálogos entre o formal e o não formal. Porém, informamos que estaremos entrando, tentando perceber, até mesmo as possibilidades que existem dentro dos próprios lugares de fala (sala de aula e museu), pois tanto um quanto outro, além de observar e querer atingir seu “oposto”, deve também entender e fazer suas próprias observações, suas próprias mudanças.

Estaremos, por isso, falando em educação formal e não formal de forma descritiva dos lugares que queremos atuar, podemos invertê-los de lugar, uma vez que suas construções, como veremos, são algo histórico, ou seja, uma construção discursiva que pode deslocar-se, confundir-se, são pontos (móveis) que nos ajudarão a entender as intempéries dos deslocamentos dos demais conceitos trabalhados, ou seja, buscaremos entender as possibilidades voláteis do acontecer (do corpo a corpo cotidiano) que onde quer que estejam (formal/não formal) seus sujeitos, o ensino e a aprendizagem se fundem numa só coisa, sejam/estejam onde for: tornando-se ensino-aprendizagem, ou seja, processo interdependente.

Trabalhamos com pesquisa qualitativa, sob os seguintes métodos da oralidade: entrevistas semi-estruturadas e conversas, observações a cerca do agir do professor e do aluno nos ambientes informados acima, “recolhendo retalhos” discursivos para costurarmos outro tecido, que servirá como base para pensarmos sobre o posicionamento e técnicas que são utilizadas no dia-a-dia, as perspectivas e ajustes de procedimentos, bem como, dificuldades que se tem na relação teoria/prática, sala de aula/museu, formal/não formal, pós-modernidade/tradicional. Porém, não ficamos “colados” às estatísticas, ao contrário, nosso trabalho foi se construindo, nas conversas, nas visitas nos diálogos práticos/teóricos. Queríamos, entender a construção no fazer experimeta(n)do.

Ao que diz respeito à fundamentação teórica, trabalhamos com os conceitos de lugar e espaço, a partir das definições dadas por Michel de Certeau: onde lugar significa estabilidade, fixidez; enquanto espaço significa movimento, instabilidade, movimentos “lineares” de ser e estar, ambos trabalhados no livro *a invenção do cotidiano* (2004) que demonstra as relações e aprendizados diários dos atores sociais indiferentemente de posição política, econômica ou sócio-cultural, no nosso caso: as maneiras de dizer, reconhecer e problematizar os lugares praticados de forma que se tornarão espaços de discussões ativos do conhecimento, para além da sala de aula: em um parque, em um sítio arqueológico, em uma centro histórico, ou como propomos aqui: em um museu.

Para pensar sobre o campo dos poderes “dialogaremos” com Michel Foucault, no que diz respeito ao poder institucional, que aprisiona e monta um conjunto de dispositivos avaliativos que inspeciona os indivíduos no pátio dos seus discursos, bem como, Antônio Negri, em relação ao antipoder, quer seja na sala de aula, no museu, ou nos tantos outros lugares de saber, pode resistir, insurgir e constituir planos de ação destoantes que se relacionam institucional e ordinariamente nesse sistema de negociações. Discursos cotidianamente aceitos, desfeitos ou refeitos na relação dos sujeitos, seja por intermédio de um currículo, norma, dispositivo qualquer.

Outro autor que estaremos dialogando é Deleuze, no tocante aos conceitos de desterritorialização e do rizoma, o primeiro referente aos deslocamentos territoriais no/para o ato de educar, destacando que o discurso e seu espaço pode ser deslocado por seus usuários; o segundo no tocante ao que se refere a um não lugar de saber, uma possibilidade de educação que se desenvolve sem ponto fixo (gramado), um tapete de conhecimento(s) que é ponto de apoio aos diálogo com os demais conceitos que apresentamos, ambos ratificando que o discurso não é algo pronto e acabado.

Ou seja, o singular torna-se plural e vice-versa, sob esta perspectiva, um discurso de início repassado pelo professor, pode ser invertido (deslocado); iniciar mesmo fora da sala de aula a partir da fala de uma aluno (modelo rizomático). Acontecimentos deslocáveis que se transformam e (re)constrói conhecimentos. “Um campo que pode primar à multiplicidade (...)”, (Deleuze *apud* Gallo 2008). Foucault, Negri, Deleuze e outros, poderão aparecer (comparecer) em citações, paráfrases ou simplesmente permear o texto sem definição de pertencimento de seus conceitos uma vez que após a leitura, não mais há propriedade. Ou seja, queremos entender o cotidiano vivido pelos sujeitos da educação, conforme suas práticas e seus discursos utilizando de nossos conhecimentos e os que nos rodeiam: solidariamente.

## Capítulo I

### Lugares, Sujeitos e Conceitos: (Re)conhecendo os Territórios da Educação

#### 1. Escola: seus lugares, seus sujeitos e seus deslocamentos

Antes da criação propriamente dita do que entendemos como escola, o saber era repassado no dia-a-dia conforme cada indivíduo, seus interesses e os interesses (necessidades) da aldeia. “Em todos os cantos do mundo, primeiro, a educação existe como um inventário amplo de relações interpessoais diretas no âmbito familiar: mãe-filha, pai-filho, sobrinho-irmão-da-mãe, (...)” Brandão (2010). O espaço de aprendizagem nesse modelo não é escolar, mesmo nos ambientes anos à frente que necessitam de melhor especialização, no caso artesão-aprendiz, sacerdote-iniciado, etc, o espaço educacional não é escolar. Somente com a evolução de algumas de suas especializações, seus interesses começam a ultrapassar os laços familiares e com isso surge a escola, onde há momentos de construção do conhecimento para grupos e interesses específicos.

A partir do momento em que a comunidade inicia a divisão dos bens e dos poderes, ou seja, quando ela cria a propriedade privada, conseqüentemente inventa a “ordem” e a hierarquia. Necessita impor, a partir de então, suas vontades de poder. Começa assim a preocupação com a diferença, existe aí a “necessidade” da escolarização, pelo menos, para alguns dos seus. Divididos, a comunidade seleciona indivíduos, cria estratégias para que a ordem seja mantida. Para e por isso, uns faziam, outros ensinavam a fazer, Brandão (2010). Esse fazer (e saber) diferenciava os indivíduos, uns faziam trabalhos pesados, outros aprendiam a fazer tarefas simples, que não necessitavam de força, como no caso das chefias. A comunidade criava condições para dizer quem era quem e quem poderia chegar a ser alguém (com poder).

Porém, essa possibilidade de controlar o ensino, cria e aprofunda as diferenças, uma vez que deixa poucos disporem de poder, de selecionar a quem e como ensinar. E com os interesses dos Estados-Nação, a escola se torna um equipamento de repasse e controle, seja este Estado, laico ou religioso. O ensino escolarizado, desde sua invenção, é utilizado como separador do “joio” do “trigo”, ou seja, cidadãos de escravos, nobres de plebeus, “santos” de “bruxas”, ricos de pobres e assim por diante. Porém, dentro de cada momento, não devemos esquecer-nos do contexto, das vigilâncias e das resistências e, por causa, destas últimas, os

modelos foram se modificando, reelaborando novas maneiras, com e a partir da comunidade, para e por seus interesses.

Importa-nos aqui, especificamente, problematizar o espaço escolar, procurar ampliar as possibilidades de pensar maneiras do ensino-aprendizagem, até mesmo para além da sala de aula, reterritorializando os espaços de ensino nos “costumes das aldeias”, de forma livre, no (con)viver comunitário, como possibilidade de educar, pois como sabemos, a liberdade do aprender foi sendo restrita a um lugar de poucos assentos (educação para a elite), ou por outro lado, vulgarizado, priorizando mais a quantidade, que a qualidade. É notável que a educação brasileira, defende uma matriz comercializada que é mais difundida na esfera particular, porém vem penetrando cada vez mais na esfera pública, sendo patrocinada pelas campanhas imperialistas, atuais do banco mundial, focando principalmente os vestibulares e a estatística do alfabetismo, focando o conhecimento formalizado de/na sala de aula.

A escola seria para esse Estado um lugar onde índices e gráficos ganham destaque, e, no nosso entendimento, para além dessas funções, atinge de forma plural a comunidade via sistemas e mais sistemas de (des)informação, no sentido de pacotes que são jogados na comunidade sem o devido estudo sobre sua aceitação e possíveis resultados locais. Porém, essa educação (quantitativista) daria conta isoladamente de manter, transformar e promover o conhecimento e a convivência social? Nosso propósito não é responder essa pergunta de forma simplista, mas operacionalizar conceitos/dizeres sobre possibilidades de ações sobre o problema e ampliar ainda mais o questionamentos: seria possível a escola se perceber como algo não estático, que além de seu espaço, pode educar fora dela, nos espaços não formais de se educar?

### **1.1. O Educador: seu papel, suas táticas e estratégias de mediador**

A figura do educador nasceu bem antes que a escola, no momento em que o homem percebe que é construtivo repassar o conhecimento a outro para que faça algo parecido ou melhor do que ele ou seu anterior o fez. A necessidade inicial não seria juntar os “escolhidos”, mas sim fazer com que a comunidade, o mais cedo possível, obtivesse mão de obra para a continuidade do seu modo de viver. Após a invenção da escola, muitos educadores (aquele que ensinam a fazer) passam do cotidiano informal à sala de aula, aquela função de ensinar o fazer manual, vai aos poucos sendo modificada, cada vez mais ao ensino da teoria, do pensamento e o educador vai sendo substituído pelo professor.

Não que o professor não seja também educador (e esse é nosso ponto de questionamento), ele, para além de seu *status* profissional, deve permanecer educador, aquele que caminha com o orientando. Seu primeiro papel (mestre-escola) ia além de só estar repassando conteúdos e avaliando pela caderneta, mas respeitar e cuidar daquele novo aprendiz da vida, candidato a cidadão, fim e meio de sobrevivência desse profissional que historicamente vem, também, mudando o seu papel. O professor, anos atrás, era figura que informava, mandava e avaliava o que e como os alunos deveriam se comportar, possuía até mesmo poderes para punir condutas “erradas” dos seus alunos, claro com respaldo dos conceitos a cerca da representatividade do papel de professor.

Hoje seu papel mudou, pelo menos após da década de 1990, a representação da função do professor se modifica a cada dia. Vem sendo visível a necessidade de mais alterações de posicionamento. Com o advento das tecnologias (televisão, celular, internet), a sociedade tem mais acesso a informação e a função do professor/educação entra em crise e por isso, tende a se modificar. Aquele perfil de detentor do saber passa a mediador/co-produtor do conhecimento e motivador, uma vez que essa pulverização da informação necessita de alguém para orientar a seleção dos conteúdos dispostos.

Nesse contexto, não existe mais “propriedade individual” do saber, que antes “pertencia” ao professor, ele, acima de tudo tem (além de outros) um novo papel para atuar tornando-se mediador. Conforme Luckesi:

Ele assume o papel de mediador entre a cultura elaborada e em processo de acumulação pela humanidade e o educando. O professor fará a mediação entre o coletivo da sociedade (os resultados da cultura) e o individual do aluno. Ele exerce o papel de um dos mediadores sociais entre o universal da sociedade e o particular do educando. (LUCKESI, 1994, pg.115)

O professor é aquele que tem o dever além de tantas outras coisas, de motivar e sensibilizar o aluno para a construção do conhecimento, deve entender e com ele buscar os caminhos do saber. Segundo Moran:

O professor motiva, incentiva, dá os primeiros passos para sensibilizar o aluno para o valor do que vai ser feito, para a importância da participação do aluno nesse processo. Aluno motivado e com participação ativa avança mais, facilita todo o trabalho do professor (MORAN, 2007, p. 47).



Ou seja, o educador se compromete a fazer mediação da comunidade com seus conhecimentos, relacionados com os do educando, deve incentivar e caminhar junto pelo complexo mundo do saber, intercalando-os aos elementos de sua própria convivência social.

O professor tem uma formação político-social e esta permanece no seu discurso (uma vez que não existe neutralidade). Porém, não deve por sua habilidade retórico/coercitiva dimensioná-la exageradamente, ao contrário, deve desenvolver a capacidade dos alunos de pensar, deve com o aluno problematizar sobre como o mundo e sua comunidade, este que futuramente, e já o é, sujeito ativo desse lugar. Digo ensinar não só a ser eleitor, mas a discernir sobre suas ações/atuações no mundo multifacetado de tantos pré-conceitos (racismo, homofobia, xenofobia, preconceito religioso etc.).

Porém, na maioria dos municípios do Brasil e não seria diferente em Cuité, as adversidades, a falta de oportunidade, de emprego e o conseqüentemente baixo salário, “impossibilita” esse profissional de facilitar o aprendizado dos seus alunos, uma vez que o tempo que ele tem é o de se deslocar de uma escola para outra. Muitos deles completam seus horários, que eram para seu planejamento, estudo, e claro, seu descanso, com outras salas de aulas, muitas vezes em outros municípios. Isso, para uns não é empecilho, uma vez que a arte de ensinar e o prazer de educar superam esses desencontros; para outros, dão mérito aos livros que os ajudam na realização de tal “proeza”, uma vez que os conteúdos estão prepostos e “não” necessitam de reforço. Se não pararmos para pensar sobre qual aluno estamos dialogando, continuaremos utilizando o livro sem nenhuma ressalva, não estamos dizendo que o livro não pode ser utilizado e sim que para além dele o professor pode(ria) caminhar.

Entendemos que existe neste discurso verdade (o professor deveria isto e aquilo!), lacunas que distanciam esse profissional de um melhor papel e posicionamento em relação ao aluno/comunidade. Sabemos que há necessidade de reforço financeiro para o professor, bem como, de reformulações nos livros didáticos, melhorias na infraestrutura, entre outras ações, porém, sabemos que pouco poderá se sustentar sem a presença ativa do aluno, construindo, trazendo seus conhecimentos para o ambiente do saber e dependendo desse professor educador, dificuldades não se tornarão obstáculos intransponíveis e sim nuances que diminuem a velocidade de encontro, mas não desestimulam o encontro com a educação que queremos, isso vai delimitar nossas trilhas, nossa estratégias diárias para uma possível caminhada até ela. E ainda, modo algum:

O educador poderá obscurecer o fato de que o educando é um sujeito ativo e que, para que aprenda, deverá criar oportunidades de aprendizagens ativas, de tal modo que o educando desenvolva suas capacidades cognoscitivas assim como suas convicções afetivas morais, sociais, políticas (LUCKESI, 1994, pg.119).

Para isso deve utilizar diversas estratégias, uma delas pode ser a inovação didática, ou seja, tentar até mesmo com a ajuda dos alunos, utilizar-se das novas tecnologias (máquina fotográfica, gravador de áudio, datashow etc..) auxílio na atenção e produção de material para e com o aluno, demonstrando estar dentro do contexto tecnológico atual, uma vez que um dos papéis do professor é fazer essa mediação, entre o conhecimento, o aluno e o mundo. O aluno atual “espera” a utilização no mínimo de ferramentas que em casa, alguns “já possuem” (computador, máquina digital, etc.). Não devemos confundir apoio didático com material ilustrativo (passa tempo) e não se pode também colocar a culpa de algumas experiências menos motivadoras somente pela falta deles, pois a arte do saber ensinar tem entre suas demandas, utilizar das astúcias para burlar necessidades, cada professor deve utilizar o que tem à mão para envolver o aluno no ensino-aprendizagem que orienta.

## 1.2 O Educando: objeto e sujeito da educação

O sujeito da educação considerado não ativo, incapaz de contribuir com a construção do conhecimento foi o aluno, (aluno: sem luz), o que se perpetuou por muitos lugares e períodos. A compreensão de que o aluno é parte de sua própria educação vem emergindo gradualmente a cada dia, renascendo um novo aluno (não passivo), que também sabe, pois vive na comunidade e não se desvincula dela quando em sala de aula, é esse aluno capaz de com o professor gerar conhecimentos, criar novas possibilidades de construir sua educação (neste trabalho detemo-nos em alunos pós-lettrados, independente de idade).

Devemos entendê-lo, como um objeto afixo, que possibilita ser utilizável, ou seja, orientável na medida em que precisa de motivação, de foco, mas, que não se pode ter controle, não cabe mais querer “criá-lo” a partir de um molde: dessa ou daquela maneira, tendo em vista as múltiplas possibilidades que o mundo lhe oferece e sua interação com esse mundo. Esse aluno vive sob um bombardeio cultural de diversas formas e direções, uma vez que a própria representação de cultura, mudou, se pluralizou, como nos adverte Certeau (1995), o acumular informação, ser enciclopédico evaporou. Hoje, as informações são tão mutáveis e rápidas que pouco interessa detê-la, arquivá-la na memória. O professor deve mediar essas escolhas e o aluno ser curioso, organizado e aprender a ter critérios.

Na era do conhecimento deve surgir também um novo estudante, sujeito da sua própria formação, autônomo, motivado para aprender, disciplinado, organizado e um cidadão solidário e, principalmente, curioso. (GADOTTI 2000, apud BURLAMAQUI 2007, p. 85).

Como vemos, o aluno que deveria estar passivo, esperando ser moldado sem adornos difíceis ou contornos detalhistas, é, agora, caminhante junto com o professor nas trilhas do conhecimento e tem também o dever de ser curioso, investigador, para se tornar reticências e não somente ponto final. Afinal para que serviria tanto assunto, tanto conteúdo despejado nesse lugar inerte se não para servir para o mesmo, não falamos de vestibulares, mas da vida, da cidadania, da comunidade. Por isso, o professor orienta sob quais as possibilidades do caminhar deste aluno, pois é ele quem vai optar, e, por que não, inventar seus próprios atalhos: ele não é incapaz.

Apesar das reclamações constantes de que os alunos não são criativos, a ação pedagógica, na maior parte das vezes, está pautada na idéia de que o aluno é incapaz de criar, é um inválido do ponto de vista intelectual. Toda vez que o educando tenta sair do esquema linear do dia-a-dia, é cerceado de diversas maneiras. As estratégias

de delimitar seu campo de ação baseiam-se no lema “fazer coisas que o professor quer” (LUCKESI, 1994, p. 99).

Entender o aluno como incapaz é perder a oportunidade de avaliar as possibilidades e potencialidades dele e ao mesmo tempo reavaliar o posicionamento dos professores diante desse ato do ensino-aprendizagem, suas falhas e acertos. O aluno nesse ponto, de ser alguém que tem voz, ainda está longe de ser aceito, mas esse diálogo da construção do conhecimento abrirá portas para ambos os sujeitos, por isso, acreditamos na mudança, essa que lentamente já se apresenta nos bancos das universidades e aos poucos está chegando às salas de aulas dos colégios e grupos escolares.

Porém, esse aluno já está infiltrado na sala de aula, ele nunca esteve fora dela. E, segundo Foucault (2007), instituições possuem amarras que externa e internamente conduzem os passos daqueles que estão sob seu teto. Isso, no sentido de controle do tempo, dos costumes coletivos, bem como, no fazer e no pensar individual (dispositivos internos de vigilância). Existe por e para isso toda uma rede de disciplinarização para assegurar que esse aluno permaneça inativo, “permitindo” a recepção “passivamente” dos discursos impostos pelo professor. Dispositivos panópticos cercam todo espaço escolar, cruzam todos os discursos e poderes dispostos neste lugar. Seria o aluno não sujeito desse projeto de educação dito por vozes externas, muitas vezes da própria escola (currículos centralizados), objeto, apenas moldável? Ou teria ele chances de uma reviravolta?

Segundo Certeau, “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (Certeau 2004, pg. 38), ou seja, tudo aquilo que é dado como produto pronto e acabado pode ser reapropriado pelo consumidor, são as artes do fraco sob os fortes, ou seja, mesmo o aluno dito sem poder diante à instituição, ao professor, cria estratégias e táticas que o fazem fugir diante deles, dos seus discursos e ao mesmo tempo, utilizam desses discursos de forma diversas, subrepticamente, dando a pensar que isso não acontece. Tática no tocante as demandas discursivas que são “pegas no vô”, estratégias que se fazem acontecer no cotidiano escolar, dando possibilidades de o aluno dispor de certo poder sobre seus dominadores.

Na linguagem desse autor, o aluno, usuário desse espaço (disposto de vários transeuntes), utiliza-se da astúcia para conseguir viver de forma “equiparada”, criando e recriando microliberdades diárias, são antidisciplinas que deslocam e relativizam esse ator social chamado aluno, agora pensado enquanto sujeito da educação, uma vez que traz experiências e pode renegociá-las com os professores mesmo tendo que lutar pelo seu espaço diariamente. Felizmente, esse degladiar cotidiano vem diminuindo, seja pelas “baixas” dos

fortes, seja pelas vitórias dos fracos, seja por iniciativas universitárias de reverem seus discursos diante dos futuros professores, seja por eles próprios, que experimentam as invenções diárias diante dos alunos e diante de si, desse efeito caldeirão, do conhecimento que é posto a mesa, depois de pratos, inovações, tempos e temperaturas diversas.

## 2. O museu: espaço de (construção de) conhecimento

O museu é um lugar que foi por muito tempo remetido como espaço sem ação, apenas de depósito de antiguidades. Muitos foram criados para demonstrarem o poderio de uma determinada pessoa, ou instituição, porém, há alguns anos essa concepção vem mudando, trazendo-o para mais perto da comunidade, da escola, agora, como um lugar múltiplo de ser, de conhecer de pesquisar, da representação, da natureza, do homem, da arte, da vida que possibilita diversas maneiras de utilizá-lo e (re)criá-lo. Museu igual ao do Homem do Nordeste, de Lampião, da Rapadura, do Índio, do Sertanejo, do Homem do Curimataú. possibilitam espaços para a comunidade reconhecer sua história, bem como, o professor problematizar o presente.

A definição de museu neste sentido foi ratificada através do estatuto dos museus através da lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Porém, a definição nada vale se o lugar não se torna consumível, trabalhável, ou seja, deixar se trabalhar nele. Como assim? Em meio ao arcabouço conceitual atual definido pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus), o museu não deixa seu *status* de instituição, que tem regras, horários, vigias, mas por outro lado ratifica que nele não deve se sobressair a informação à construção do conhecimento. Espera-se, então, que cada vez mais seus corredores tenham menos placa de silêncio e mais conversações: diálogos.

Existe muitas resistência pela parte dos gestores de museus, uma vez que o acervo é “intocável” e a exposição já foi produzida pelo curador, “não podendo” mais ser alterada, ou seja, para se definir enquanto um lugar plural, de construção interdisciplinar, ele deve se expor, se abrir, convidar e aceitar visitas não agendadas. A possibilidade não diz respeito neste sentido à burocracia e sim ao consumo deste espaço, pensamos. Pois, a forma que irá acontecer, o diálogo do passado com o presente, do sujeito com sua comunidade é subjetivo, ou seja, mesmo sob monitoria (discurso imposto), a percepção daquele espaço muda a cada indivíduo que também muda e pode aprender algo diferente a cada visita.

Com isso, vemos a possibilidade e de uma nova museologia (tendência atual pós-moderna) de um espaço não apenas expositivo, mas de interação, não no sentido *touch screen*, onde a tela previamente estará programada para receber a ação e disponibilizar um produto pronto, mas ao contrário, construir um objeto de interação a partir da força e digitais diferentes, (construir coletivo), a comunidade passa, mais ainda, a participar daquele espaço. O museu tem por isso, agora, um leque de possibilidades, múltiplos afazeres e diversos deveres: ressignificar-se, potencializar-se para e pelo seu público. Estaria disposto a isso? Se permitiria sair do cômodo lugar de produtor solista, para dar vez a outras vozes e montar um “coro” no âmbito daquele espaço? Pensemos se:

A nova museologia, disciplina aplicada à realidade dos museus, postula a premente necessidade do ingresso não de uma parcela, mas de todos os segmentos da sociedade à atmosfera do museu, bem como a entrada e a proteção do patrimônio, de forma global, em um cenário – museu que extrapola suas portas e busca outras realidades. (VERGOLINO, 2006, apud PESSOA, 2009)

É, então, dever atual desse “novo” museu receber e motivar parceiros. Mas, perguntemo-nos: de forma específica, ele estaria disposto a disponibilizar seus corredores, acervos e conceitos aos alunos e professores? Sairia de seu assento/poltrona aveludado para se embrenhar pelas trilhas por vezes desconhecidas, dessa experiência com o saber, dessa invenção de/do inventar verdades? Pensamos que ele deve enfrentar essa “nova” função/parceria, uma vez que a escola é comunidade e a/para comunidade ele existe. Posicionamento este que esperam teóricos e práticos da educação, que renovam as esperanças, as teorias formas cotidianas do ensino-aprendizagem. Teria coragem também de sair do que seu lugar e ir à escola? Ser um museu que conversa, se dispõe mudar e respeitar as mudanças.

É desse museu, desse espaço museológico como um todo, seja qual for a linha histórico-social que estamos falando, o foco não é sua linhagem, mas as possibilidades de aprendizagens no seu espaço, bem como, a possibilidade de uma educação não formal neste lugar, que disponibiliza diversos espaços de diálogos entre alunos e professores, entre alunos e eles próprios e até mesmo entre alunos e pessoas diversas da comunidade. Em diversas instituições o modelo pedagógico leva o visitante a interagir com a exposição, ele mesmo cria sua obra, monta seu objeto<sup>2</sup>, uma espécie de espelho que se foca, se choca. Redes de

<sup>2</sup> Em outubro de 2010, semana do poeta, o Museu do Homem do Curimataú-Cuité-PB, recebeu alunos da rede pública e particular que juntamente com professores e educadores do museu, construção conhecimento a cerca

Educadores em Museus (REM) estão sendo criadas com esse objetivo. Não focando a quantidade, o retorno quantitativo das pessoas aos museus, mais a qualidade de conhecimento construído a partir daquele espaço (na Paraíba, REMPB, completou dois anos proporcionando oficinas e palestras sobre essas temáticas).

O modelo institucional, (re)pensa sua burocratização exacerbada, suas práticas de monitoria e exposição, através da oralidade uníssona, textos decorados criados pelo curador da exposição. Não queremos desmontar hierarquias há tempos construídas, mas trabalhar, pelo menos, de forma mais humana, entre seus pilares. Não somente o especialista possui poder de criação, o saber está pulverizado e por isso deve ser dada a leitura, a partir de seus diversos e diferentes pontos: a acústica, agora, pretende ser polifônica.

Essa expansão de espaços não se dá somente ali no museu, segundo o conceito rizomático de Deleuze, (apud Gallo, 2008), o saber advém de diversos pontos de apoio, não uma única fonte, criticando o modelo de árvore do conhecimento moderno, saindo para um campo de um conhecimento contínuo e espesso e gramíneo:

Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significação e de subjetivação, autômatos centrais, assim como memórias organizadas. Os modelos correspondentes são aqueles em que um elemento não recebe suas informações senão de uma unidade superior, e uma afetação subjetiva, de ligações preestabelecidas. Isso fica claro nos problemas atuais da informática e das máquinas eletrônicas, que confere poder a uma memória ou um órgão central. (DELEUZE, apud. GALLO 2008, p. 74)

O paradigma arborescente implica uma hierarquização do saber, o que estamos problematizando é se essa hierarquização pode ser quebrada pelo menos, mas não só, fora dos muros da escola. O museu vem permitindo mudar para se transformar em espaço de conversas, os monitores poderiam ser denominados agora de educadores museológicos e estão sendo qualificados para isso, as redes de educadores em museus apresentam-se como fortalecedores desta perspectiva, muitos deles são pedagogos, licenciados e estão proporcionando uma verdadeira revolução no âmbito museológico ao que cabe aos serviços de montagem, divulgação, acompanhamento e diálogos nas exposições.

Neste espaço museológico, o aluno deve ter liberdade de pensar, questionar e até mesmo ensinar ao monitor ou professor alguma particularidade de objetos conhecidos por ele,

---

da história das escolas literárias, bem como sobre autores locais, e ainda, produziram suas próprias poesias que ficavam no mural do visitante e tornavam-se também acervo para as turmas subsequentes.



o que não estava no planejamento do professor ou monitor, propondo um novo pensar sobre o assunto em pauta, questionando ou reforçando com exemplos práticos aquele momento discursivo. Espaço (poder de discurso) de falar que às vezes não o teve em sala de aula, uma estratégia daquele aluno que (re)vive cotidianamente junto com o objeto em questão (uma peça de agricultura local, uma matraca – objeto para plantar grãos – por exemplo), conforme Certeau (2004) sugere: estratégias que complementam e reforçam o jogo do convívio social dos homens.

Percebe-se também que o espaço museológico tem sido criado não mais pela vontade do Estado, mas pela necessidade que as pessoas tiveram que montar um espelho de suas histórias e de conquistas e desafios passados, de suas demandas atuais de questionar para crescer. Porém, a escola tem dialogado ainda lentamente com este espaço, que pode lhe dar possibilidades diversas de reforço na aprendizagem, poucos professores conseguem fazer uma visita produtiva não somente exploratória.

Mas, como seria esta visita produtiva, produtiva na ideia de quem, do professor, do aluno, do museu? Seria fazer uma ligação do conteúdo, levar os alunos no museu e incitá-los em procurar questionamentos a cerca do conteúdo? Isso e muito mais, problematizar, por exemplo, se fomos (se a comunidade local foi) atingidos pela ditadura; por que não temos animais de tal espécie como dita o livro? Entre outras. O que fazer no museu no fim das contas, que práticas educativas podem/devem ser realizadas no museu para que a escola entenda aquele lugar como um espaço de educação:

Podem ser entendidas como práticas educativas atividades tais como: visitas “orientadas”, “guiadas”, “monitoradas” ou mesmo “dramatizadas”, programas de atendimento e preparo dos professores, oficinas, cursos e conferências, mostras de filme, vídeos, práticas de leitura, contação de histórias, exposições itinerantes, além de projetos específicos desenvolvidos para comemorar determinadas datas e servir de suporte para algumas exposições. Além dos materiais educativos e informativos editados com a finalidade de servir a estas práticas, tais como: edição de livros, jogos, guias, folders e folhetos diversos, folhas de atividades, kits de materiais pedagógicos, áudio-guide (guia auditivo), aplicativos multimídia, CD-ROM, site institucional na internet, etc. (TV ESCOLA, 2009)

Todas essas atividades de forma conjunta com professores, alunos e equipe do museu podem criar um momento de interação destes que realizam os serviços de construção da própria comunidade, construindo-se junto e para ela. O que estamos querendo dizer é que o museu por suas atividades diversas, torna-se um espaço não formal à medida que pode utilizar de várias maneiras de passar/construir momentos educativos, por exemplo, na construção/organização de um momento de contação de história, por meio de um aplicativo

multimídia tipo CD ROM e tantos outros momentos que são e serão produzidos e consumidos nos espaços não formais de educação.

A educação não-formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino, CARUSO e BIACONE apud TV ESCOLA (2009).

O ensino não formal se dá nos processos de compartilhamento, nos espaços de ações coletivas cotidianas, via experiências e trocas de conhecimento, nas estratégias e táticas compartilhadas. Nestes espaços não formais, especificamente, são conhecidas as habilidades de se conhecer e conhecer o outro politicamente, fazendo um reconhecimento de mundo, participando da construção do seu conhecimento e não apenas vivendo sob disciplinas literalmente fechadas em si, incapazes de ligar um indivíduo ao mundo a não ser por se tratar de um de(gra)u que impositivamente temos que atingir para termos do direito de um trabalho e de um *status*.

### **3. Educação formal/não formal: uma questão de soma, não de divisão.**

Teoricamente ao falarmos da educação formal e não formal, estaríamos demonstrando adeptos de uma dualidade que implicaria qual lugar do educar está correto. Mas não é o que estamos nos propondo, no próprio subtítulo não dizemos formal e não formal, e sim formal/não formal, ou optamos enfrentar uma discussão, um ambiente que se dá o direito de entender e aceitar limites de ambos os lugares sem definição de fronteiras, ou seja, entendendo que esse lugar é mutável e sem fronteiras.

Para uma educação não formal definiríamos como “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população” (La Belle, 1982 apud Gadotti, 2005). Para a formal: seu inverso, as práticas sistematizadas e localizadas do ensino. O primeiro, nega o segundo, enquanto modelo de ação, não queremos/pretendemos ou julgamos o certo e acabado, o tirar das paredes da sala de aula, nesse caso subjugar o espaço escolar. Posicionamo-nos defensores de possibilidades diversas da educação, sendo assim, entendemos o valor da sala de aula, qual for sua forma/maneira, não sendo assim estaríamos também “modelando”, redizendo a maneira “correta” de educar, o que não é nosso propósito, vemos a educação como um todo, um conjunto de práticas cotidianas de ensino-aprendizagem, formais e não formais.

Principalmente ao que tange o sentido de vivenciar os acontecimentos desses diálogos, entre educação formal e não formal, no que diz respeito ao nosso texto: o momento não formal, seja no museu ou outro lugar de construção do conhecimento, vemos como um momento de soma de saberes, saberes compartilhados inter-relacionados, que buscam entender as possibilidades e potencialidades dos conhecimentos locais, algo que engrandece os conhecimentos dos envolvidos. A maioria de suas temáticas (de campo) não está listado nos currículo/exposições fechadas. O “segredo”, o que estamos focando aqui estaria na coisa não pronta, mas na sua construção (uma galeria de fotos, um vídeo-entrevista, ou mesmo um discussão sobre um artefato que reflete um costume local) a partir da soma de forças e discursos, da interação aluno-professor (monitor), conteúdos que estão colocadas entre os compartimentos fechados, na sombra do currículo. Somente trazidos da margem pelo saber do aluno, ou mesmo daquele professor que traz algo que não está no livro didático, posicionamentos pós-modernos, que propõem uma educação para além da sala de aula.

A escola a partir de então (aquelas que ainda não perceberam), deve perceber as diversas possibilidades que ela tem de construir o conhecimento. Que a sala de aula, sem necessariamente estar (permanecer) nela, pode ir mais além. Seria hora de pensar sobre o papel institucional, que é educar, mas de forma mais humanizada, menos burocrática. Pensemos: estão sendo aproveitados todos os lugares da comunidade que poderiam se tornar espaços de conhecimento? Que espaços da comunidade seriam esses? A discussão não está no esvaziamento da sala de aula, no dizer não à educação formal, mas dialogar sobre as possibilidades que os lugares sociais e conhecimentos locais dos alunos são fontes de problematizações, que eles próprios podem definir que espaços podem trilhar, construindo o conhecimento.

Esse caminhar sobre espaços diversos ao da escola é algo arriscado para alguns, não aproveitável para outros, porém nova possibilidade para todos, pelo menos, de pensar e repensar sobre essa crise que lhe envolve. Difícil sabermos que uma vez que fomos educados sob um ensino brasileiro advindo do burocrático mundo aristocrático de raízes europeias, que até então se teve(tem). Não queremos difundir, a morte desse lugar, ao contrário, devemos pensar sobre a supervalorização que lhe era disposta, mas revê-lo como não fundamental, não sendo o único meio, única via, ao contrário, com a sala e os diálogos por ela proporcionados, o conhecimento se abre diante dos nossos olhos. O próprio museu deve rever essa sua área positiva (conservadora), onde pouco se relacionava a sala de aula, e proporcionalmente todas essas questões devem ser levadas em consideração ao pensar sobre a relação museu-escola: seu encontro, seus diálogos.

A própria lei de Diretrizes educacionais abre caminhos para essa abertura de pensamento, para uma interação do aluno com a comunidade e coloca o professor como colaborador para que isto aconteça, no seu Art. 13º ela diz que:

Os docentes incumbir-se-ão de colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. E complementa no seu art. 26º, que os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 1996).

Como vemos: base comum, mas possível de ser deslocada, acrescentada, complementada por uma parte diversificada de conhecimentos locais, num sentido sempre de soma e não de esvaziamento da sala de aula.

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Tais questões são pertinentes, para se pensar se a educação formal/não formal podem e/ou devem andar juntas na construção do conhecimento, não estamos tentando aqui convencer que só existe, ou é melhor o conhecimento fora da sala de aula, repito, nos referimos à valorização, sim, dos diálogos entre ambos os espaços, pensamos nos sujeitos e nos objetos, possíveis de serem equalizados, ao longo da vida às vezes, é na invenção e reinvenção dos conceitos é que podemos perceber, agir e transformar nossa comunidade, e claro nos construir cotidianamente. Segundo Paulo Freire:

Foi reinventando a si mesmo, experimentando ou sofrendo a tensa relação entre o que herda e o que recebe ou adquire do contexto social que cria e que o recria, que o ser humano veio se tornando este ser que, para ser, tem de estar sendo (FREIRE, 1995).

Nisso, e por isso, atribuímos ao campo educacional, seja ele formal ou não formal, uma esfera que não se deve deter, deve sim ousar, pois o saber é algo que flui, o local (sala de aula/museu) é ao mesmo tempo não local, uma vez que não temos domínio sobre ele, é um espaço vivo de discontinuidades, de construção a partir dos diálogos de encontros nesta via de mão dupla não só nas instituições de ensino, mas principalmente, foco, na convivência humana, o indivíduo se educa, por isso alguns professores percebendo esta necessidade conseguem deixar a sala mesmo que virtualmente (levam fotos, áudios, etc.) e conseguem discutir/complementar assuntos que ficam soltos senão postos em ligação com realidade dos alunos. Deterritorializar para retorritorializar, ou seja, ir lá fora, experimentar o outro, para avaliar e se, preciso, melhorar o próprio lugar.

Diríamos que a sala de aula pode também ser repensada, como os lugares além dela o devem, pois como Gallo (2008, pg. 67) ratifica: “a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível”, ou seja, não há lugar fixo para se aprender, pois sendo o conhecimento um ambiente, como dissemos rizomático, não tem base num só lugar, um só currículo, diversos são os lugares que se ramificam e podem ser utilizados como espaço de conhecimento, sem hierarquia e ao mesmo tempo sendo/tendo movimento constantes, deslocamentos constantes.

Nesse sentido a escola, sua equipe pedagógica, deve repensar sobre como está sendo a construção do conhecimento, ou se está havendo a construção, não somente o repasse, a

formação de um aluno que tem uma única essência: a de não ter essência. A sala de aula é cheia de indivíduos que possuem singularidades e não pode permanecer fechada em si mesmo, é necessário que a abertura seja através do diálogo, podemos, porque não, levar o museu à sala de aula (acervo, materiais, saberes) e ali, desenvolver, problematizar questões ainda não pensadas, ou se já, repensá-las, pois como tudo é volátil, o conceito de ontem pode e vemos cotidianamente que hoje pode ter mudado. Não se trata somente de pular os muros materiais da escola, mas antes ou com este “quebrarmos” os portões das disciplinas do que é ou não posto como verdade, vindo de fora dela, porque vivemos num sistema que envia/entrega: pouco fomenta a construção local do conhecimento.

## Capítulo II

### Discursos que Constroem espaços de Ensino-Aprendizagem

#### 1. Território de ação: Cuité, seus lugares, suas estratégias

Nosso lugar de pesquisa se deu no município de Cuité-PB, que está localizado a 240 quilômetros da capital do Estado, encravado no Semi-Árido Brasileiro, região do Curimataú do estado, possui 19.978 habitantes (IBGE, 2010). Seu regime econômico basicamente se dá na agricultura familiar, alguns pequenos comércios e pela empregabilidade no setor público. De grande territorialidade rural (porém, de crescente êxodo rural), o município vive sob aspectos ora, provincianos, ora modernos (no sentido de contemporaneidade).

Todo espaço é construído além de outros modos, pelas dizibilidades: “Cuité, Cuité, idolatrado és bem a terra da promessa (...)”. Trecho do Hino de Cuité, datado do mesmo ano da emancipação da cidade, 1937, pelo menos, para alguns. O que e como se fez ou se está fazendo ou se fará promissora, é o que devemos perguntar, é que se deve ter e fazer uma população educada, seja por meios formais ou não formais, ou seja, pensamos que uma das funções da educação, seja em cidade grande ou pequena, é ampliar as possibilidades de os indivíduos se conhecerem, se construírem, e se manterem. O município de Cuité (podemos metaforizar) tem uma veia rural e uma artéria cidadina, que pela fluidez e continuidade faz o corpo (município) viver e o sangue que circularia por todos os órgãos, analogicamente, seria a cultura<sup>3</sup>, no mais abrangente significado deste termo.

Para fazer parte deste espaço das combinações operatórias (o município de Cuité), a partir de 2006, foi implantado um Campus Universitário da Universidade Federal de Campina Grande, o que potencializou ainda mais a relação de circularidade cultural. Dizemos *ainda mais* que dentro dos contextos, os atores sociais não estavam inertes, seja na política, economia, educação etc. Negociações eram e são postas em combate diariamente, dizeres e poderes percorrem corredores de salas institucionais e lares da comunidade em todo momento. Ou seja, não é somente pela entrada de novos indivíduos na comunidade (professores, alunos e técnicos) de outros municípios e estados, que a cidade vive ou se revive

---

<sup>3</sup> Entendemos cultura de modo pluralizada, ver: CERTEAU, Michel de. *A História no Plural*. 10 ed. Campinas SP: Papirus, 1995

de forma dinâmica. Por exemplo, mesmo sob uma dura realidade, diversos atores sociais tornaram-se professores, indo à Campina Grande que fica a 115 quilômetros, em kombis, caminhonetas e ônibus diariamente.

Porém, não devemos opor os formados, ditos “superiores”, e os ordinários, ditos “inferiores”: o feirante que consegue abrir sua loja, ir para além do banco na feira (esse precisa, aprende e “briga” por seus direitos, de possuir um CNPJ, de infraestrutura etc.), o agricultor que monta uma associação para ter mais possibilidade de crédito, o mestre-escola, (professor não universitário, de primeiras letras, comum no interior) que entra na política e defende o direito da merenda, do transporte, enfim da educação. Exemplos que conjuntamente com os primeiros, defendem melhorias na vida da comunidade, quando lutam pela permanência de algum direito local. O que queremos focar é que nesse município, existe e está sendo potencializado um caldeirão de caminhantes que se encontram e se constroem, como em qualquer outro espaço no mundo.

Para atender nossos questionamentos, partimos para o campo de trabalho na escuta dos transeuntes sociais: do museu e da escola para entrelaçarmos a teoria, as práticas e as concepções dos colaboradores, no tocante às possibilidades de se entender a relação museu-escola. Procuramos escutar os transeuntes dos espaços em questão, que em sua maior parte são professores, alunos, pessoas da comunidade. Conversamos, solicitamos alguns relatórios, gravamos entrevistas e todos de forma colaborativa.

Enquanto “orientador” do caminho da conversa (entrevista), iniciávamos sempre pela história de vida do professor, sua formação, sua trajetória de escolha do magistério. Depois passeávamos pelas experiências do seu dia-a-dia, suas metodologias, seus anseios, suas dificuldades e assim por diante, mergulhando em especificidades e ao mesmo tempo deixando o colaborador a vontade para relatar seu ponto de vista de sujeito e objeto. À frente demonstraremos esses exemplos, dispostos dentro de questões conceituais. Vamos, então, entrar em trilhas estreitas desse largo campo de observação: nesse território das lutas e conquistas do cotidiano, caminhemos!



### 1.1. O Museu Homem do Curimataú: história, discursos e possibilidades



Imagem 1

Ao chegar ao museu o visitante se depara com um prédio de estilo *art décor*, escrito em sua fachada Cuité Clube e se pergunta: como assim, não é um museu? Olha ao lado, aí se depara com um artefato ao ar livre do costume rural utilizado para prensar farinha com o dizer: Museu. Somente após entrar, começa a perceber que realmente se trata de um espaço museológico. Mas que museu seria esse, que histórias estariam por trás dessas peças e desses expositores? Os questionamentos acima retratam a chegada de um visitante, não cuitense sozinho, componente de uma determinada turma/grupo. Dizemos não cuitenses, uma vez que os cuitenses ou pelo menos boa parte deles, souberam da criação do museu e que todas as peças dele foram doadas ou estão sob depósito (empréstimo), nada comprado.

Um representante do museu ou outro cuitense (claro, algumas crianças ou mesmo adulto, podem não “corresponder” ao que dizemos, por motivos quaisquer de desconhecimento, estamos falando na maioria, uma vez que houve divulgação, antes e durante a abertura deste espaço) irá contar sob a história da implantação deste museu, que se deu a partir da doação deste prédio (da Associação Cuité Clube) à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG Campus Cuité) que estava proponente ao Edital - Mais Museus 2008, do Ministério da Cultura. E continuaria dizendo: aqui era um lugar da sociedade, onde se brincava o carnaval, dançava suas serestas, onde a elite fazia suas reuniões e, ainda, lugar que se realizava apuração de votos da eleição, havia julgamentos de réus da justiça etc.

Mas, a associação foi perdendo interesse e este prédio permaneceu por muito tempo sem manutenção. Depois, mesmo deteriorado foi emprestado à prefeitura do município que instalou o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), após a saída do PETI daquele lugar, o imóvel quase veio ao chão. Um grupo de interessados da universidade e da

comunidade, juntamente com membros da associação, montou o projeto de implantação desse museu, o qual foi selecionado, ganhou o convênio e restaurou o prédio. Com a ajuda da comunidade coletou-se todas as peças que estão à mostra, divididas por setores, desde sua inauguração, em março de 2010. O professor Márcio Vieira, enviou material a publicação: Boletim Informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia - Nº 45, na edição de março de 2010, sobre a representação deste espaço de educação, num trecho define:

O Museu do Homem do Curimataú foi pensado de acordo com o que há de mais moderno na concepção desse tipo de equipamento cultural, na medida em que, além do acervo permanente, haverá espaço para exposições itinerantes, de pintura, escultura, fotografia, sala de vídeo etc. fazendo do Museu não um lugar para se “guardar coisas velhas”, mas um ambiente dinâmico, que facilite o processo educativo de maneira criativa e próxima da realidade da nossa população (Vieira, 2010).

Podemos perceber que o museu propõe e é percebido como um espaço de educação “dinâmico” e “criativo” o que permite o chamamento do alunado a um espaço novo de passado-presente, que potencializa o pensar sobre a história, o aluno e a comunidade. Para a professora de geografia, nossa colaboradora, Maria Verônica A. Gomes, o museu vem acrescentar essa possibilidade, de um *redescobrimento* da história local, em relatório nos enviado diz que:

(...) um dos pontos positivos do Museu do Homem do Curimataú é justamente o fato de que os alunos podem descobrir a sua própria história, ou seja, passam a conhecer as ações, culturas, fatos e costumes vivenciados por uma sociedade local que os antecede (GOMES, 2011).

Esse lugar, esse “passado” agora visitado, pode ser percebido como algo não morto, que interfere e atua sobre o presente. É objetivo dos museus serem parte motivadora e colaboradora de uma educação para e com a comunidade. Incluir e fazer o visitante perceber-se também parte da história local. Nesse sentido, outra colaboradora nossa, a professora de história Elys Danielly<sup>4</sup> se referindo às visitas que fez no museu, apresenta sua experiência: “percebo nos discursos de meus alunos o desejo de entender, apreciar, participar e fazer parte dessa história, a partir dos elementos propostos e encontrados no museu” (Danielly, 2011). Ou

<sup>4</sup> Elys Danielly, professora de história da rede particular, visitante frequente do Museu do Homem do Curimataú, trecho de relatório nos enviado sobre as práticas no museu.

seja, essa atitude museológica, juntamente com a percepção do professor, possibilita a construção de um pensamento de pertencimento histórico.

Nesse lugar também se apresenta os vestígios da pluralidade, onde se pode pensar o singular. Parece paradoxal, mas esse espaço de múltiplas perspectivas, como se denomina o novo museu, trabalha a questão de identidade, de forma mais ampla, não disponibilizando um manual de como ser cuiateense, nordestino etc. Ao contrário, a partir do olhar de que a identidade não é algo pronto e acabado, mas sim algo mais próximo de identificação que permeia costumes, dizeres e fazeres, sempre em formação (Stuart Hall, 1999). Construída e pensada ali, na rua, na escola, nas suas interações virtuais, repensando suas referências.

Mas, como se disponibiliza esse museu, quais seus espaços físicos? O que nele permite fazer pensar? O imóvel possui mais de 400 metros quadrados, com vários subespaços temáticos, sua trajetória e planejamento de paradas depende do visitante, do professor e da aula (do momento).



Imagem 2

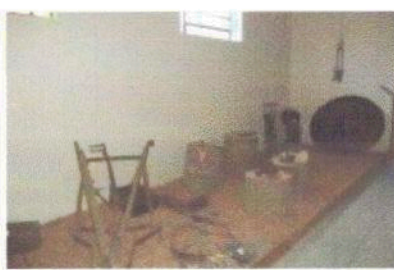


Imagem 3



Imagem 4

Cada peça possui uma ficha técnica onde faz referência a principal função do objeto, o significado, porém, depende do visitante, o consumo utilizado por ele ou por alguém que ele conhece. Na falta de algum referencial significativo, se desejar o visitante, conta com o auxílio de um educador do museu, onde estarão prontos para uma conversa sobre o objeto observado. É necessário neste ponto, discutirmos a figura da equipe museológica, especificamente, o sujeito que era nomeado guia do museu. Lembramo-nos de um comentário da professora do Centro de Educação e Saúde, prof. Julia Beatriz quando, conjuntamente com a técnica administrativa Lília Miriana, falava da importância de Flávio Fonseca, responsável por atender os visitantes no tocante a parte da mediação do artefato com o visitante, quando em visitas de ambas no museu: “Flávio é uma figura! Tudo ele conhece e conta como era usado. Conta as histórias da cidade, nos faz passar horas lá no museu, a gente conversa mesmo e se diverte com ele”, dizia a professora Julia.

Segundo, seria esse sujeito apenas um monitor? Um apresentador de informações técnicas? E por que não educador? Aquele que caminha com o orientando, que encaminha caminhando, diria assim, portanto, o sujeito deste museu que interage e cria com o visitante, independente de títulos acadêmicos. Porém, além disso, no ambiente museológico, pode-se ter outras situações de ordem inversa ao que estamos comentando. Pode também como dissemos anteriormente, o visitante percorrer os corredores do museu sozinho, refletindo “sem” interferência. Ana Barbosa, professora aposentada da USP, falando de suas experiências em museus, diz da relação com o visitante, das possibilidades e necessidades de interação do visitante com o educador no museu:

Ao público resta escolher: se você quer visitar o Museu sozinho e calado como muitas vezes tenho necessidade, tudo bem (...). Mas se alguém quiser dialogar: chama-se um educador para vermos juntos a exposição, comentarmos, trocarmos idéias e sensações sobre a obra e informações sobre a exposição (...) (Barbosa, 2011).

Com isso percebemos que o museu e sua equipe devem estar disposto em dar a atenção, ou recuar quando preferível, ou seja, fazer do museu um lugar que se viva e que se retorne por mais de uma vez de forma prazerosa. Observando o fluxo de visitas, percebemos que muitos professores somente levam os alunos no museu no caso de um tema gerador, data de fundação da cidade, sete de setembro, data de padroeiros etc., que disponibiliza certo chamamento ao museu. Mas seriam só estes os momentos de visitar o museu? Claro que não, para além dessas datas, a qualquer momento é possível sua visita. No livro de assinaturas, vemos que o museu contou com diversas cidades da região, em 2010/2011: Cuité-PB, Nova Floresta-PB, Barra de Santa Rosa-PB, Picuí-PB, Jaçanã-RN e Coronel Ezequiel-RN, muitas delas sem datas, em foco.

A maioria das escolas públicas e particulares do município de Cuité já visitou o museu. Porém, existem professores que ensinam na escola enfrente ao museu (Escola Orlando Venâncio) que ainda não adentraram nesse espaço, sejam com suas turmas ou mesmo sozinhos. Aprofundemos a discussão do visitar, do construir, do reconstruir seus espaços (reterritorializar) para além do valor histórico do museu, escutemos nossos colaboradores, sobre as motivações, as sensações, as críticas e possibilidades de utilização desse museu em um diálogo, agora, mais precisamente, com a sala de aula e mesmo como esta sala de aula pode/deve também se perceber cheia de possibilidades.

## 1.2 Os professores: encontros, dizibilidades e práticas pela educação.

Estivemos neste segundo semestre de 2011, encontrando-se com professores, alunos e visitantes do museu, alguns dos quais foram convidados a colaborarem para a formatação deste trabalho. Estivemos em contato, com os que utilizam o espaço museológico, procuramos também os que pouco visitam e alguns aos quais não tiveram oportunidade, ainda. Conversas no colégio, no museu, nas residências de alguns professores, enfim, aberta, casual, aonde as ocasiões iriam montando um campo de ação e de atuação deste teatro vivido e representado por eles e por nós. Coube anotar, gravar e/ou memorizar os diálogos que foram possíveis estar e encontrar pela frente, não escolhemos uma determinada escola ou conjunto segmentado de professor, repito, os encontros nessa caminhada, nos levou a encontrar nossos colaboradores: nos corredores do museu, nas escolas, na rua e algumas vezes, no livro de visitas do museu (frequência de visitas) que indicava colegas professores a procurá-los, todos ajudaram e apareceram trazendo argumentos para serem dispostos nessa trama que ousamos em discorrer juntos com eles, com alguns teóricos e, principalmente, com o leitor.

Nossa pesquisa se trata de uma pesquisa qualitativa, que corresponde a uma proposta de ação em ação, conversações que constroem espaços, desdizem lugares, corroboram com e como pensar a educação. Trabalhamos o cotidiano pelo cotidiano. Nosso perfil pós-moderno não se constrói por não ter fórmula a seguir, mas mais do que isso, entender que são possíveis com elas e sem elas, chegarmos a recantos de conhecimentos, ou seja, pelo nosso fazer estruturado sem base de resguardo (uma pesquisa em “desenvolvimento”), queremos experimentar outras frutas, nesses novos caminhos de pastos e montanhas exóticas e fascinantes que é o do social, por isso, o não cálculo ou negativa da estatística, sem preparação fixa: esse mundo que nos rodeia e nos ensina, procuramos entender pelas vozes que nos cercam(ram).

Para alguns colaboradores que ao se encontrar não dispuseram de tempo para conversa, sempre nos solicitavam o questionário para uma entrega posterior. No nosso caso, a conversa não se daria por pauta de questões, seria uma conversa sobre as experiências, por isso, pensamos em solicitar deles um relatório sobre sua experiência no museu, para quem sabe entendermos que professor vai aquele lugar. Abaixo o modelo de propositura que foram sendo entregues à professores que encontrávamos pelo museu e pelas ruas da cidade.

SOLICITAÇÃO DE RELATÓRIO DE VISITAS	
Ao professor (a): _____	
Solicitamos relatório (manuscrito ou impresso) a cerca da(s) experiência(s) na(s) visita(s) no Museu do Homem do Cuiatã, para utilização no relatório da Monografia do curso de especialização em ensino-aprendizagem da Universidade Federal de Campina Grande Campus Cuité.	
Informamos que o professor poderá descrever livremente a experiência no museu (motivação, pontos positivos, negativos e sugestões, etc)	
Agradecemos antecipadamente:	
Outubro de 2011	
Favor preencher:	
Nome: _____	
Escola _____	
Email _____	Tel. _____
Tempo de ensino: Particular _____	Público _____
Disciplina de formação _____	Ano de formação: _____
Disciplina de atuação _____	

Imagem 5

Queríamos obter informações sobre o lugar social do professor, como vemos na parte final do formulário. Alguns dos que entregamos ou enviamos, não devolveram, outros rapidamente o faziam, uns algumas laudas, outros algumas linhas. Porém, este instrumento nos ajudou a “costurarmos” nossa colcha de retalhos do conhecimento em questão. Porém, somente os relatórios não foram suficientes, necessitávamos de sentir o professor, conversar com ele sobre as relações educacionais. Por isso, para estar com alguns professores, aguardamos na porta de suas casas. Por exemplo, o professor Alexandre Fonseca nos recebeu no dia 15 de novembro em pleno feriado nacional e a professora Claudenice Pereira à noite, no momento do seu jantar, do mesmo dia, e assim conseguimos muitos outros detalhes do viver-professor. Entrevistas abertas, porém com um interesse de entender que possibilidades de deslocamento e diálogos que podemos vivenciar na sala de aula e no museu e entre os dois de forma colaborativa.

Ao visitar o colégio Orlando Venâncio em Cuité, conversamos com a professora Maria Socorro, onde fizemos anotações (pois não disponibilizávamos de equipamento naquele momento). No nosso ambiente de trabalho, bloco administrativo do Centro de Educação e Saúde, conversamos com a professora Joseane (neste momento estando telefonista do Centro). E ainda, conversamos nos intervalos de encontros no museu, como no caso do professor Demócrito Júnior e Eliel Soares, ambos os professores no município de Cuité. Formas táticas, voantes, e que nos foram permitidas até então, movimentos quase não intencionais que acabaram proporcionando a escrita deste trabalho num tom conversativo (explico, escuto, discurso).

### 1.2.1 Táticas e práticas de professor

Pensamos o professor enquanto mediador da construção do conhecimento, sujeito que cria e recria técnicas, modifica e reconsidera discursos, permanece ou se propõe a buscar novas trilhas. Pensamos um professor que observa o seu redor, vive com seu aluno na comunidade e nela percebe o aprender. O espaço não formal de educação é uma das possibilidades que este professor tem de dividir com os seus alunos um novo ambiente: múltiplo e potencial. A colaboradora Maria Verônica<sup>5</sup>, se referindo ao espaço não formal diz: “um importante e eficiente recurso é o laboratório de campo, pois oferece um espaço novo, de investigação e possibilita ao aluno integração com a realidade” (GOMES, 2011).

Ela, pelo que vemos, percebe o espaço não formal enquanto lugar de experimento (laboratório), apesar deste conceito contrariar um pouco nossa compreensão (um laboratório experimental tende a procurar recursos e métodos “ideais”, o que em ciências sociais sabemos da impossibilidade), nos reapropriamos deste termo, para poder (re)dizer que ele faz referência a um lugar de busca, de investigação, de ação/improvisação, poderíamos resumir assim. Mas, além dessa contribuição a colaboradora nos põe a pensar, quando acrescenta em sua fala outro ponto interessante de discussão: a integração do aluno com a realidade, que é o que estávamos comentando, uma educação comunitária (no sentido de o conhecimento da escola não ser isolado da comunidade) dependendo do campo “laboratorial” visitado, esse aluno irá se perceber enquanto parte de uma cultura.

Não podemos desligar a educação de algo que trás a comunidade como participante de sua própria formação, pois se trata de indivíduos que são acima de tudo atores do social, que por ela e com eles a educação deve/deveria ser/ter a função do apre(e)nder. Esse discurso de integração é ponto de estudo da autora Maria da Glória Gohn, que não desvincula a educação escolar, do ambiente da escola, do seu contexto, ela se refere a uma aprendizagem social a partir, também, do espaço não formal. Segundo ela:

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de

---

<sup>5</sup> Maria Verônica de A. Gomes, professora de geografia do colégio Orlando Venâncio, Cuité-PB, não efetiva, licenciada em 2011. Trecho a partir de relatório solicitado em outubro setembro 2011, tática utilizada de registro de colaboração, por se tratar que a mesma ainda este ano estava finalizando seus estudos de graduação em Campina Grande.

com-preensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2011)

Nessa perspectiva, o museu vem colaborar disponibilizando seu espaço para a construção e desse sujeito comunitário. O professor deve orientar e caminhar pelas trilhas (no museu e em outros espaços) com seu aluno, possibilitando o crescimento dele, o seu e o de sua comunidade. Essa oportunidade de aprendizagem para além da sala de aula traz um retorno à comunidade, antes do previsto (como vemos tradicionalmente somente após a universidade o aluno retornaria ao serviço da comunidade). E por essas iniciativas, este caminho se encurta, o lugar do museu caminha ao encontro desse objetivo, uma vez que a comunidade e a escola se reveem, se questionam, a partir de suas memórias e posturas “passadas” de forma conjunta com o *presente* (valores, costumes etc.).

Percebemos pelas entrelinhas que a autora vem dizer que essa integração dá sentido, motivação e desloca o ambiente escolar de algo estático, sem dinâmica (da vida). Nossos colaboradores também observam isso, essas e outras possibilidades sobre esse diálogo museu-escola. Observamos na fala da professora Claudenice Pereira <sup>6</sup>, a valoração que ela dispõe sobre o espaço não formal de educação, as possibilidades e necessidade de não permanecer somente na sala de aula:

Principalmente porque sai daquele negócio de quatro paredes, aquela chatice, porque muitas vezes: é uma chatice! Aquela aula quando você vai só livro quadro, livro quadro, que não estimula o aluno e principalmente quando são aulas de história, porque muitas vezes se torna cansativa, agente sabe que tem alunos que chegam a cochilar, alguns cochilam, então quando você parte ao lado da... diversificar, de entretenimento, mas um entretenimento cultural, de aprendizagem, aí o que acontece o aluno fica mais interessado (...).” (Pereira, 2011)

Seu dizer nos possibilita pensar algumas questões atuais sobre a educação: se as salas de aulas (algumas delas) são monótonas, como fazer para que deixem de ser? Ou seja, fazer do espaço que se educa, algo prazeroso é meta dos educadores atuais, pois a educação não pode ser vista e experimentada como algo desgastante, sem vida. Ao contrário, todos os

---

<sup>6</sup> Claudenice Pereira da Costa, professora de história, residente na cidade de Nova Floresta, entrevista realizada em novembro de 2011. A colaboradora por sua frequência de visitas no museu, foi uma das primeiras a serem lembradas como colaboradora, mas por se tratar de residir em Nova Floresta, somente houve possibilidade de dialogar em novembro deste ano. Entrevista gravada em equipamento digital, num total de 26min e 01 seg.



diálogos dispostos à tona nesse espaço, suas negociações e bricolagens<sup>7</sup> são e se devem demonstrar que ali se permeia para além de um campo informativo, onde se troca experiências, um espaço de interação, quando algum dos sujeitos desse espaço-ação se cala ou é calado, seja por “opção” ou “força”, parecido com disse a colaboradora se referindo aos alunos: “muitas vezes os alunos chegam a cochilar”, é hora de os sujeitos pensarem em uma retomada de posição, avaliação dos conceitos e de suas práticas.

Não queremos dizer que a melhor opção é sair da sala, fechar a porta e ir buscar o saber lá fora. Dizemos, sim, que o melhor é pensar, sobre outras possibilidades de experimentar o ensino-aprendizagem, ousando, caminhando por novas trilhas, ou mesmo refazendo o mesmo caminho, mas com outros olhares. Até mesmo, por que não, desterritorializando o próprio lugar da sala de aula, conceito, sugerido por Deleuze, se referindo a mudança posicional, não só física, mas também da forma subjetiva do que pensamos e fazemos nesse espaço. Refazendo-se, sem claro, deixar de olhar para outros espaços, como propomos pensar neste trabalho.

No caso, a própria sala de aula. Conforme o prof. Alexandre Fonseca<sup>8</sup>, colaborador entrevistado, visitante frequente do museu e de outros lugares do município (professor da rede municipal e estadual) permite a utilização da sala de aula de forma ampliada, não esperando a escola para poder melhorar suas aulas: “eu trabalho muito com canção de viola, filmes, muitos filmes” e sempre saio com eles, no Olho D’Água<sup>9</sup>, nos casarões e no museu” disse ele. Como vemos esse dinamismo altera a funcionalidade estática que se espera(va) na sala de aula, o deslocamento da sala de aula é além de conceitual, físico, uma vez que, com ele explica “eu divido o museu em quatro partes e a aula vai acontecendo ali mesmo”. Demonstra o olhar do professor enquanto integrante e participante da comunidade.

Esse diálogo entre a escola e o museu pode surgir de diversas formas, o professor refazendo seu lugar de ensinar, onde poderá sozinho mediar o conhecimento de seus alunos ou mesmo solicitando intermediação do educador de museu que está apostado para atuação quando necessário. A voz da professora Maria Verônica vai a esse encontro, o de que o

---

<sup>7</sup> Bricolar, segundo Certeau, 2004, é arte de utilizar o que é do outro em seu favor.

<sup>8</sup> Alexandre Fonseca, professor de História, do município de Cuité nas redes municipal e estadual, saiu da particular essa área de ensino, presa por objetivos diferentes do de sua percepção e atuação enquanto professor e principalmente, segundo, ele da própria valorização do professor enquanto pessoa, não mercadoria, entrevista realizada em novembro, 22 min. e 30 seg.

<sup>9</sup> Olho D’Água da Bica, patrimônio municipal, lugar de abastecimento de água, lavar roupas e tomar banhos até as décadas de 1970/80, espaço de encontro da comunidade e ponto turístico local.

professor deve ser estratégico e oferecer e experimentar novas possibilidades em sala de aula, segundo ela: “cabe ao educador usar de métodos e metodologias que envolvam os alunos e os tornem mais participantes em sala de aula e críticos na construção do conhecimento”. A professora Claudenice Pereira se soma às vozes desses dois, em sua fala demonstra também esse cuidado com seu ambiente de aprendizado e que vem trabalhando sempre com música, imagens e filmes:

Ah! Eu gosto de filme, principalmente, filme (...) e fotos gosto muito de usar fotos, quando o professor explica, ele fica imaginando que mundo é aquele, quando eles vêem as fotos parece que é um chamariz, como dizia o matuto aquele chamariz grande prá eles (PEREIRA, 2011).

Esse *chamariz*, como ela diz, nem sempre é tão fácil de ser alcançado, pois dificuldades relacionais diversas aparecem para tontear sujeitos que optam por novas metodologias. Conforme o prof. Alexandre, ele percebe que é preciso trazer de casa alguns equipamentos para poder chegar a esse resultado, diz ele: “às vezes eu levo som de casa, porque não dando certo o de lá, acontece alguma coisa, eu sempre levo minhas coisas: dvd, som (...) já cheguei a levar tv, quando estava quebrada (...)”. Essa forma resistivamente executada pelo professor demonstra o poder estratégico que se deve aprender. Ele sabe que por vezes o material, que se tem, é complicado para ter acesso, leva de casa suas necessidades.

A escola não deveria dispor no mínimo de organização para disponibilizar calendário, rodízio para estes acessórios? Pois, percebemos esses aparelhos não só como algo para ajudar a despertar o aluno interesse, mas também, ajudar na motivação do próprio professor, em ter conseguido planejar algo e ter realizado da melhor forma, (um filme que conseguiu passar a mensagem à turma do assunto em pauta etc.). A construção do saber por maneiras, meio e formas diversas de pensar o conhecimento em diversos lugares, ou seja, de forma rizomática (Deleuze, apud Gallo 2008), nos livros, no vídeo, pelo professor, pelo aluno, na escola, no museu, etc. é uma das formas que o professor tem de se motivar e motivar o aluno. Motivar no sentido de buscar outros conhecimentos, ampliar sua visão de “caçador”, como nos sugere Certeau (2004). Ainda utilizando das possibilidades “oratórias” do professor Alexandre, vimos que ele inferiu no assunto que envolve o sujeito da educação: a motivação, diferente de Claudenice, Alexandre vê pouca disponibilidade de forças ao seu redor, para ele em muitos momentos:

A escola consegue desmotivar o aluno pela sua própria desmotivação, eu vejo muito isso também, um passar de bola negativo, o cara reclama a ladainha de interesse salarial, é, mas você não pode ter isso como meta de vida dentro de uma sala de aula reclamando sempre, eu acho assim, como se o aluno fosse o culpado, aliás agente só ganha o que tem por causa dele, tem isso (...) (FONSECA, 2011).

Não podemos tomar esse discurso como o final, a própria Claudenice, diz que no seu caso a escola dá todo apoio (outro discurso totalizante), seja para sair para as visitas seja, no dia-a-dia. Tanto um quanto outro, não deve ser ponto considerado como última palavra, a discussão que se lança não só nos embates, até mesmo na mídia televisiva, hoje, trabalha essa temática (o fantástico retrata a vida de professores no dia-a-dia de seu trabalho no quadro: Conselho de Classe), que traz as práticas e vivências do professor/aluno à mostra, bem como a infraestrutura das escolas e a política educacional e em todas as demonstrações a diferenças gigantes, por vezes até mesmo na mesma cidade, não serão nossos colaboradores os únicos a discordarem de suas falas, de seus espaços e não seremos ingênuos em não perceber que por trás de suas falas, das da tv, existe um sujeito que luta politicamente para um melhor futuro seja pró ou contra atos e fatos ao seu redor e isso transparece no seu poder de fala, de “verdade”.

É cômodo, mais visualizado e cobrado, ser o professor o sujeito cotado como agente que se deve levantar ou pelo menos cai sobre si o dever de mudar, de fazer algo para mudar a “chatice” de alguns espaços do educar. Se pensarmos uma educação em conjunto, o aluno deve fazer parte de sua construção, seria tão chato viver nesse “monólogo” diário. Será que nós, professores, estamos escutando nosso aluno, por exemplo, quando um diz: professor vamos ao museu? “Muitos de nós respondemos, como é menino, deixe de conversa, escreve aí e vê se não perde tempo, a gente não tem tempo a perder!” (diálogo fictício). Esse discurso (inventado), reinventa-se cotidianamente no dia-a-dia do professor, colegas que pouco fazem para mudar, motivar seus alunos, colocá-los a falar, tentam, em alguns casos, desmotivar até mesmo o professor atuante. O prof. Alexandre nos informa:

São poucos os que querem fazer uma aula diferenciada, alguns se acomodam, só na questão de conteúdo, conteúdo, conteúdo, porque já faz anos que vão no conteúdo, então muitas vezes eles têm medo de ousar, (...) porque dá trabalho, você planejar uma aula diferente, dá trabalho demais você levar uma turma com 40 alunos para o museu, (...) “quem não sabe faz crítica, quem sabe se acomoda!” (FONSECA, 2011).

O que deixaria esse professor “acomodado”? (tirando as exceções). Se muitos daqueles professores, que não “querem” desenvolver algo para além do tradicional, já fizeram diversas ações as quais por algum motivo foram esquecidas por seus parceiros ou não lembrados por alunos seus, anos depois (lembro-me das gincanas e feiras de ciências do meu tempo de ensino fundamental, dos passeios e ações ecológicas). O diálogo com a professora Maria do Socorro<sup>10</sup>, professora da rede pública do município de Cuité-PB e do município de Coronel Ezequiel-RN, experiente, vê no aluno, pelo menos, no momento que nos encontramos, um sujeito pouco motivado para a construção do seu conhecimento e nos ajuda a pensar se os métodos de utilização de novos materiais de apoio são proveitosos ou pouco satisfatórios. Segundo ela, muitos dos alunos de hoje não pensam sobre a oportunidade que estão perdendo, eles pouco focam a questão da aprendizagem.

Quando conversávamos sobre passeios a lugares históricos (Areia, Ingá, João Pessoa), ela disse que: “esse ano ainda não saí com eles, acho muito interessante, pena que os meninos não tão nem aí! Quando estão lá: é o guia falando e eles virados para outro lado, no celular, não tão nem aí!”. E no museu (a escola que ensina localiza-se enfrente ao museu) já foi? Respondeu que já, que sempre que dá os leva, mas esse ano também ainda não, o tempo, o corre-corre, ainda não permitiu. Ficamos apreensivos, pensando sobre esse “não querer” aprender dos alunos, sobre essa representação de aluno que fazem muitos profissionais da educação, bem como, essa pouca disposição do professor (não somente o da professora Maria Socorro, esse agravante foi dito por todos os colaboradores) em enfrentar seu grande opositor: o tempo.

Mesmo os colaboradores, cuja dizibilidade é bastante positiva, como Alexandre Fonseca, diz que um o seu principal oponente não é a direção, professor, o aluno, o salário: é o tempo. Por semana são sessenta e duas aulas, consumindo final de semana e feriados, e que no final de tudo, tentar viver, cuidar da família e ainda planejar suas aulas é muito difícil. Vemos que muitos destes professores têm pouco tempo, até mesmo de pensar como driblar, essa falta de tempo, por isso, também diminui suas possibilidades de “invenção” de outras aulas na sala e fora dela. Mas se o tempo é inibidor de nossa inspiração, como a cada dia vemos, mesmo de forma pontual, professores fazendo acontecer suas idéias, seus sonhos, o que repercute em mídias, na própria escola, na sala de aula que é o mais importante. Como

---

<sup>10</sup> Maria do Socorro, professora de História, e vice-diretora, experiente mais de 10 anos de sala de aula, pertencente a corpo docente efetivo do Colégio Estadual em Cuité-PB, bem como Coronel Ezequiel-RN.

diria Certeau (2004) como pode no meio desta rede sufocante, todos não serem atingidos: existir fugas?

Volto redizendo as palavras da professora Socorro, sobre a dificuldade de diálogo dar com o “novo” aluno, cheio de tecnologias e “pouco” interessado em estudar. Preocupamo-nos no tocante a percepção de impotência que ela tem de si (sujeito professor) e da educação. Para ratificar e exemplificar esse quadro, ao falar na questão de aulas, planejamento, material didático, mais uma vez, lembra-me de sua voz dizendo: “agente faz tudo para melhorar a aula, mas eles são demais, às vezes nem adianta sair para lugar nenhum, eles não querem nada, com nada!”.

Nesse ponto, da motivação do professor, é crítica a situação brasileira, existe aí toda uma rede de conceitos e práticas que ocasionam esse tipo de discurso. De simples questões individuais, humor, amor a profissão, visão de futuro, políticas de desenvolvimento financeiro, infraestrutura, currículo etc. É de um professor que tenha o jogo de cintura, que dribble o tempo, interligue todas essas redes de categorias descritas acima, que hoje é necessário dispor para esse novo aluno, um novo professor, ou melhor, um professor que se renove constantemente e renove suas práticas: didática, material, currículo, etc. observemos a seguir algumas das possibilidades, dentro do nosso recorte (práticas no/com o museu).

## 2. Diálogos que propõem (propuseram) práticas entre museu e escola.

Seria o museu o “espírito” da motivação? Que vem dar o direito do sorriso ao professor? O museu pode ajudar (não é/ou quer ser a única via) que sejam plantadas sementes de motivação, uma vez que o professor pode, juntamente com o educador do museu, criar um momento de fazer, de lazer cultural, como fala a professora Claudenice Pereira. No museu, o professor poderá expor sua pesquisa/projeto recente ou a que vivia guardada desde o tempo de graduação para os alunos e a comunidade, bem como, dar espaço para o aluno desenvolver e expor trabalhos seus e da turma e melhor ainda, juntos poderem disponibilizar suas criações aos seus companheiros da escola e da comunidade em outra construção, demonstrando o potencial dessa união.



Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10



Imagem 11



Imagem 12

Em outubro de 2010, o primeiro momento onde houve interação aluno e museu, na semana de poesias o MHC planejou, convidou e executou a exposição: mostra poética no Museu do Homem do Curimataú, onde para além de olhar o aluno pode brincar, criar, aprender. No salão central foram dispostas obras de poetas cuitenses (imagem 11), porém os alunos podiam criar e expor sua própria arte no quadro de poesias (imagens 6 e 10), no salão principal os alunos sorteavam e declamaram para seus colegas, era um jogo que envolvia aluno, professor e o educador do museu (imagem 8 e 9). Além disso, foi realizado um “sábado no museu” que colocou em contato a comunidade com os poetas e alunos, o encontro contou com poesias e música, músicos locais (imagem 12).



Imagem 13

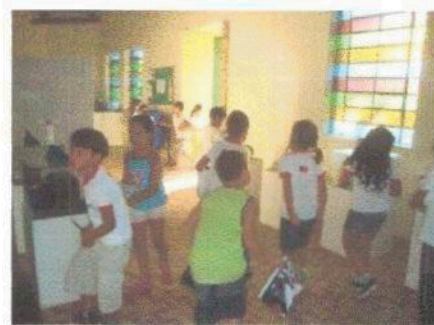


Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16



Imagem 17

Em 2011, no mês de julho, alunos de todo o município visitaram o museu para entender um pouco da história do município de Cuité, uma vez que no dia 17 deste mês se deu a fundação deste lugar, em 1768. Como podemos observar alunos do ensino fundamental

(imagens de 13 a 16) ao ensino de jovens e adultos (imagem 17). Podemos observar os alunos caminhando pelos corredores do museu em busca de informação, anotando, investigando um passado não vivido por eles, porém a partir de então conhecido (costumes, objetos, conceitos). Vídeos, fotos e diálogos fazem parte desses momentos, de reconhecimento da história local a partir dos vestígios dos atores sociais que permanecem no museu e podem ser acessados e estudados, ampliados dependendo do olhar de cada observador (professor, aluno e visitante).



Imagem 18



Imagem 19



Imagem 20

Mas não só os alunos de Cuité visitam esse museu, não só as escolas cuitenses dialogam com ele, como dissemos: Nova Floresta, Jaçanã, Coronel Ezequiel, Barra de Santa Rosa e Picuí são lugares que fazem parte e utilizam do espaço museológico do MHC. Podemos exemplificar essa demanda com a visita dos alunos do ensino de jovens e adultos da cidade de Picuí que trabalhavam conteúdos transversais (no caso: cidadania) que em conjunto (museu e professor) construíram o tema: ser cidadão também é saber preservar o patrimônio local, que foi trabalhado e ampliado suas discursões considerando a importância do patrimônio, pela equipe do museu e com colaboração da professora Rosinalva Oliveira de Picuí, bem como a diretora de sua escola e os alunos quando na visita do museu. Interessante que o trabalho se deu em sala de aula, com discussão e relatos práticos, mas contrabalanceou com o momento da visita no museu, onde houve projeção de filmes, músicas e passeio (imagens 18 e 19).



Ali o conteúdo com colaboração de todos esses sujeitos, foi reativado. O dialogo partiu, mas não permaneceu com o professor e o educador do museu, ali os alunos disponibilizaram seu conhecimento de vida, deram exemplos da relação da cidadania com o patrimônio ampliaram a discussão questionando a necessidade de leis de resguardo dos bens patrimoniais. A experiência do ensino-aprendizagem foi, segundo a diretora e todos que participaram, bem proveitosa. Por fim, houve um lanche cultural (imagem 20) com sequilhos, soldas, bolos de milho, suco de caju etc, para construir-se a percepção do valor/sabor do patrimônio imaterial. (arte do fazer: arte de nutrir). Ouvir, discutir e sentir a cultura foi possível passando pelo espaço museológico.

Ações parecidas vêm acontecendo, professores da Universidade da UFCG em Cuité, que já estão cuidando desse “seu” espaço. Como por exemplo, a exposição da professora de biologia da UFCG/CES, que produz, juntamente, com seus alunos a mostra de biologia semestral e expõe no museu para escolas de toda região, a última versão se deu nos dias 21 e 22 de novembro de 2011, num montante de mais de 600 visitantes.



Imagem 21



Imagem 22



Imagem 23



Imagem 24

Pensem na satisfação dos alunos de graduação (imagem 22) em produzirem seu material e disponibilizar um pouco do que aprenderam à comunidade. Estão motivados como vemos e a professora também, certamente, por demonstrar resultados com seus alunos. Olhemos os visitantes: a alegria da menina na imagem 23 (terceira da direita para esquerda) e o olhar de curiosidade do menino na imagem 24 (segundo da esquerda para direita), estariam

achando chato o stand? Pensamos que não. O museu disponibilizou o espaço e readequou o acervo para que a exposição fosse realizada, além de conhecer a parte da biologia o aluno trilhou também os caminhos da história do Curimataú, possibilidade ao aluno estar num ambiente de ensino e aprendizagem de forma conjunta: ciência e patrimônio, cultura e identidade.



Imagem 25



Imagem 26

Outra a exposição sobre fósseis (imagem 30), aconteceu de 24 a 28 de outubro de 2011, realizada pelo professor da UFCG/CES, o Sr. Marcus Lopes, que foi ao Ceará com seus alunos, colheram, estudaram, compartilharam suas experiências na serra do Araripe (imagens 25 e 26) e de volta, estiveram no museu interagindo com a comunidade, desenvolvendo aquele conhecimento com outras pessoas, alunos, diversos conheceram a exposição e ainda, ao museu não somente solicitaram o espaço, mas buscaram outras vias de produção do conhecimento envolvendo a realidade local. A equipe do museu, junto com o referido professor, foi a Baraúnas (imagens de 17 a 19) coletar um fóssil de preguiça gigante, que fez parte da exposição paleontológica no museu, montou a exposição, estudou e planejou como disponibilizar o espaço à comunidade.



Imagem 27

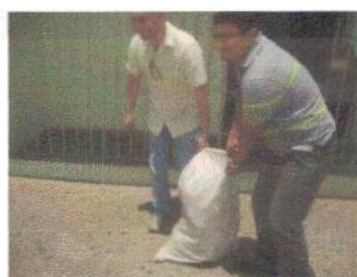


Imagem 28



Imagem 29



Imagem 30

No festival Universitário de Inverno<sup>11</sup> em 2010, juntamente com outro professor de biologia da UFCG/CES, o Sr. Carlos Alberto, o museu esteve na trilha da ciência revisitando a história do Olho D'Água da Bica (imagem 31), que é um espaço-patrimônio do município e parte do Horto Florestal administrado pela UFCG, a equipe de voluntário do museu fez fantoches e cordel para a motivação dos alunos do ensino fundamental, deslocando seu lugar, ou seja, saindo do lugar do museu, construindo um momento de aprendizagem por meio de uma metodologia infantil diferente, capaz de ter a atenção dos alunos com um momento de aprendizagem, abaixo uma estrofe do cordel apresentado para os alunos:

(...)

A história do Olho D'Água  
 Demonstra o egoísmo do homem  
 Água limpa não se consome  
 Pois a limpeza se acabou  
 O lixo tomou conta de tudo  
 O plástico, o vidro, o papel  
 Só não mudaram a cor do céu  
 Porque ali não se alcançou

(...)

Autor: Israel Araújo



Imagem 31



Imagem 32



Imagem 33



Imagem 34

<sup>11</sup> Evento científico e cultural realizado pela UFCG Cuité, desde 2007, busca a interação da comunidade sobre seus cursos, bem como, a valorização da cultural regional.

Foram realizados alguns eventos, com o foco patrimonial, para além da pedra e cal: encontro de violeiro, de poesias, oficinas de xilogravura, passeio histórico agendados por Cuité e região. Mas, e para a comunidade estudantil do ensino fundamental e médio? Muitas escolas estaduais, municipais e particulares realizaram suas feiras de ciências, suas mostras culturais, o que demonstra que estão percebendo o potencial que existe dentro da própria escola. Quando da mostra de ciência do Orlando Venâncio, o museu esteve conversando com professores, pensando e ajudando a equipar um espaço de demonstração das danças nordestinas e na exposição “imortais paraibanos”.

Na mostra da escola Municipal Benedito Venâncio, a equipe do museu esteve na execução da pesquisa sobre os vaqueiros do município em Cuité (trilhando por lugares a procura de colaboradores para a pesquisa) que seria exposta naquela escola. O museu foi a estas escolas, fez sim um deslocamento que é necessário no contexto atual, onde o construir coletivo ensina mais que o acessar a internet individualmente, e, ainda, se torna viável por se tratar que entre esses espaços existe um objetivo em comum, o ensino-aprendizado, ou seja, para onde for devem estar juntos com e para a comunidade.

Mas, sabendo que essas ações são pontuais e que somente com o tempo poderão se tornar cotidianas no sentido da palavra temporal, uma vez que a maioria dessas ações são realizadas somente uma vez por ano, (poderíamos utilizar o espaço e o ensino não formal mais de uma vez por ano), por se tratar que é, segundo seus críticos, algo que dá muito trabalho, essas ações poderão em médio e longo prazo fazer parte do projeto pedagógico de cada escola. Lembro que muitas vezes ainda são ditas num tom desgostoso, mas poderiam além de falar contra, experimentar, avaliar no fazer, ou seja, o que não se pode é nunca realizar por medo, preguiça, ou qualquer outra desculpa.

Muitas limitações: financeiras, políticas, estruturais, entre outras, interferem, mas não impedem. Ao contrário, queremos ver cada vez mais, as ações na escola, no museu, conjuntamente, não falamos de convênio financeiro e sim ações, muitas vezes não precisa tanto de dinheiro, mas mais de organização, de motivação, porque o aluno criativo está aí, o professor pesquisador também, precisamos de ações que se direcionem para um mesmo foco: o ensino-aprendizagem com qualidade.

Recentemente, em novembro de 2011, na formação continuada<sup>12</sup> do estado da Paraíba, realizada no colégio Orlando Venâncio, ação desenvolvida para melhoria da qualidade e motivação dos professores de duas turmas das muitas que estiveram neste curso, perceberam o museu e foram a ele, em um sábado, onde os professores viram e ouviram a história do museu, assistiram vídeos e o mais importante conversaram sobre as possibilidades do “fazer” no museu. Passearam, mudaram, achamos, um pouco do que pensavam sobre o museu, perguntaram o horário de funcionamento, como agendar, professores de toda 4º região de ensino. Abrimos um parêntese para dizer que no dia 23 de novembro, em plena construção deste texto, uma professora de Picuí/PB, participante do momento descrito acima, ligou para agendar visitas nesta sexta-feira dia 25 de novembro, demonstrando que as interações são constantes.

Percebemos nas falas de todos nossos colaboradores, que a percepção de presente-futuro da educação, ou seja, a forma como se vê o atual e sua projeção depende da prática escolar, dos professores: dos lugares sociais aí representados nesse lugar social e dos produtos (não no sentido de informação/conteúdo, mas vivência e arte de sobreviver se adaptando, criando, recriando, se readaptando), que são produzidos e consumidos pelos envolvidos nessa trama. Ou seja, encontram-se nesse território educacional sujeitos diversos, uns estrategista que procuram/planejaram como atuar dentro de seu campo de batalha, alguns para se esquivar da luta corpo a corpo; outros que só sobrevivem porque vivem no não-lugar, ou seja, de frente com o inimigo (inimigo neste caso consideramos não o aluno em si, mas as dificuldades de ser educador hoje), num jogo de cintura de inventar e reinventar-se cotidianamente. Tática: “engenhosidade do fraco para tirar partido do forte” (CERTEAU, 2004, p.47).

Quem seria esse fraco e esse forte? O fraco seria esse professor que luta entre os obstáculos ditos acima, inclusive ele próprio. E o forte seriam todos os dispositivos materiais, gerenciais e discursivos. Vemos que existe, um caldeirão de lugares sociais que disputam poder, no meio de novos contextos criados a cada dia. Segundo Negri: “toda vez que muda um contexto, muda também um método” (2003, p. 89). Diríamos que os métodos/práticas estão vinculadas ao próprio lugar do fazer, ou seja, no museu ou na sala de aula o indivíduo pode redescobrir o mundo, uma vez que é parte deste contexto que muda.

---

<sup>12</sup> Formação continuada, estratégia institucional para readequar, realinhar discursos propostos, podemos pensar ou por outro um momento de aprendizagem dos que ensinam, que poderia não ser um mês intensificado, todo sábado o dia inteiro, mas que pudesse ser planejado pela própria escola desenvolvido durante todo o ano. (imaginamos que próximo ao final de ano, depois de cinco dias de trabalho o professor pode não construir o conhecimento com todo o seu potencial )

E a cada dia devemos ser um professor revolucionário, mas de revoluções diárias, vivendo e experimentando novas ações no sentido “bélico” (ganhando território) de fazer, devemos aprender a lutar contra a acomodação, contra o currículo assentado, o estático. Devemos ser um indivíduo que é super-herói, não para sair na primeira página do jornal/blog, mas para ajudar a comunidade e assim, se ajudar. Como sugere Negri (2003), “um indivíduo e uma sociedade que se estimula por certo biopoder”, que nos possibilita pensar sobre o vivido, o homem vivo e ativo que vive entre poderes e que subrepticamente executa suas microliberdades potenciais, ratificaria Certeau, reapropriações (estratégias) que burlam a sociedade da vigilância tradicional do ensino. Isso nos faz pensar que força tem estes sujeitos! E como pode no meio dessa rede de vigilância, não se deixar reduzir por ela? Certeau (2004). Somente ousando, fazendo, experimentando e acima de tudo dialogando, são criadas ações e reações que aumentam as possibilidades do ensino-aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre o museu e a sala de aula é um dos caminhos que a educação contemporânea tem de disponibilizar aos seus sujeitos. Dizemos sujeitos, porque tanto o professor, quanto os alunos são atingidos pelos ares dessa possibilidade, vimos e focamos não só esse diálogo, mas pudemos refletir sobre como os espaços envolvidos podem também se modificar internamente. Lugares diversos do espaço escolar pode também construir conhecimento, no caso do museu, a ligação proporcionada está caminhando concomitantemente em relação a política atual de conservação do patrimônio a partir da educação, conhecendo para preservar de um modo que os valores dos objetos e expressões possam ser conservados na e pela comunidade. Segundo Magali Cabral *apud* Barão (2009), “o museu deve ser fórum, lugar de encontro, um espaço de debate, um lugar em que as coisas se produzam e não apenas do já produzido”. Como vimos, há possibilidades para que isso aconteça dependendo do posicionamento e interesse do professor para sair/reterritorializar as salas de aula, bem como, os museus buscarem e/ou estimularem esses diálogos.

Vimos que a educação denominada hoje em crise por alguns teóricos procuram encontrar uma saída para melhor atender as demandas da necessidade do mundo, buscamos a disponibilidade da utilização do espaço museológico como uma opção de continuidade da sala de aula, do conhecimento fora dela, sem a preocupação vinculada aos modelos fixos de currículo. Claro, entendendo que podem acontecer dificuldades, exageros, mas principalmente essas possibilidades são válidas colocadas em prática junto com os demais conteúdos formais. A formalização, de base histórica positiva (tradicional) ficou/está ficando para trás, o que temos agora é uma necessidade de modelo educacional plural, para além do formalismo disciplinarizado e unívoco. O museu propõe se tornar espaço de educação, e/ou mesmo sair de seu lugar e ir à sala de aula, deslocamentos que auxiliam construção do conhecimento atual.

Pudemos perceber que a educação abrange muito mais que a formação para o comando Estatal, para um crescimento econômico nacional ou mesmo para uma determinada classe. Pudemos entender melhor que a educação nos desenvolve para os diversos campos da sociedade, neste sentido na LDB (1996) no art. 3º lemos que “um dos princípios referidos é o de pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, ou seja, não havendo modelo pronto e acabado para a formação do aluno”. Ou seja, que o modelo de educar não está apontado em procedimentos singulares, mas um conjunto de acontecimentos que somados provocam a construção (organização e/ou uma reorganização) do conhecimento. Por isso é necessário

pensar sobre o peso e a complementação de sair, mudar os espaços do saber, desterritorializar, mesmo que se tratando da sala de aula, como falamos.

Pensar uma educação que não possui um caule determinante, mas de forma rizomática, como Deleuze sugere, no caminho de uma educação concebida por meio de seleções de diversas partes e lugares da comunidade, conseguida e montada por personagens, atores sociais de diversos níveis e status: aluno, professor, educador museológico etc., que cotidianamente fogem das disciplinas sufocantes que são soltas por pára-quadras em nossas escolas, que segundo Foucault (2007) nos colocam dentro de um ambiente prisional sistemático, produtor de indivíduos modelados, mas que ao mesmo tempo muitos conseguem, segundo Certeau (2004), cotidianamente, ordinariamente, quebrar essas algemas e seguir para além do seus muros.

Freire apontou desde seus primeiros escritos que a educação pode libertar o cidadão, levá-lo ao encontro de quem o oprimia, para destroná-lo e mudar esse modelo de ensino, mudar as possibilidades de sua comunidade. Vemos como ponto de partida para isso, a o reconhecimento da sala de aula (entender o aluno, construir com o aluno), ir além da sala da aula. O conhecimento é a porta de embarque para uma mudança conceitual dos indivíduos e seu posicionamento durante o resto de sua vida. Por isso, propomos, pelo menos, o museu, uma possibilidade, que reflete as maneiras de ser (que foram e como estão) (d)as pessoas da comunidade e nelas a possibilidade de dar continuidade às mudanças para um novo manhã.

Os diálogos demonstrados neste trabalho, entre os sujeitos da educação, enfocam uma discussão de possibilidade de alteração do quadro atual da maneira de lidar com os conteúdos, indivíduos, espaços e poderes, enfim com os modelos que estão sendo colocados em pauta em relação ao ensino-aprendizagem, que para alguns é intocável e somente na escola se tem respostas e para outros mesmo nela e/ou em outros espaços podem transmitir e atingir o aluno de forma que esse consiga uma resposta rápida e construtora de conhecimento.

Por fim, os diálogos são construtivos, no momento que as partes escutam e têm o direito de falar, discutem e produzem um resultado que é relevante a todos os detentores das vozes. Diferente de uma aula-palestra que somente um diz “verdades” que lhe convém ou lhe foram atribuídas e os demais somente ouvem e, na maioria das vezes, não são estimulados à discussão. Mas, é hora de dar espaço ao aluno, deixa-lo interferir, muitos quando se “intrometem”, não são levados em consideração. Bem como, de deixar o próprio professor ter espaço, muitas das políticas são “presentes” fechados que chegam sem planejamento local e engessam as possibilidades do professor. Com tudo isso, e o olhar e o acreditar nos espaços não formais,



podemos pensar uma melhor interação entre os sujeitos da educação e o diálogo museu-escola é um bom exemplo disso, principalmente porque são todos entre indivíduos comunitários (salvo exceções), pois neste espaço de história e costumes espelham as próprias formas de pensar, ou seja, “as reformas e mudanças educacionais passam a ser propostas com base numa consideração objetiva das questões sociais, visando dar-lhes uma resposta racional e eficaz” (MARZOLA apud VEIGANETO, 1995), fazendo o conhecimento partir dos lugares de criação e voltar para espaços de construção, se reconstruindo na maioria das vezes.

## REFERÊNCIAS

### 1. Bibliográficas:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A História no Plural**. 10 ed. Campinas SP: Papyrus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Política e Educação**, 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no College de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 23 ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 2007.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**, 2 ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994. 23ª reimpressão.

MORAN, J. M. **Como utilizar a internet na educação**. Artigo publicado na Revista Ciência da Informação, Vol 26, n.2, maio-agosto 1997, p. 146-153;

PESSOA, Nara da Cunha. **Museu Vivo: uma análise do Museu Câmara Cascudo**. Dissertação de mestrado em ciências sociais da Universidade Federal do rio Grande do norte. 2009.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre o Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. Et al. **Para uma teoria da mudança educacional in: Crítica Pós-Estruturalistas e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

## 2. Sítios virtuais:

TV ESCOLA. **Museu e Escola: Educação Formal e Não-Formal**. Boletim Salto para o Futuro. Ano XIX. Nº 3. Maio 2009. Disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/153511MuseueEscola.pdf>> acesso em out. 2011.

BARAO, Adriana. **Museu e Educação**, in Revista Eletrônica do Museu da Cidade, 2009, disponível em <<http://www.museudacidade.hpg.ig.com.br/revista/inaugura/educacao/moseueedu.htm>> acesso em fev. 2011.

BARBOSA, Ana Mae. **Educação em Museus - termos que revelam preconceitos**. Artigo da revista museus: maio 2011, disponível em <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16434>> acesso Nov. 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)> acesso, nov. 2011.

BRASIL. **Contagem Populacional. Cuité-PB**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> acesso em nov. 2011.

BRASIL. **ESTATUTO DOS MUSEUS**. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Brasília, DF, 1996. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)> acesso, nov. 2011.

BURLAMAQUI, Elisabete Romero, **O Uso das Tecnologias na Pesquisa Escolar Como Apoio no Processo de Ensino-Aprendizagem no Ensino Fundamental**. Dissertação de mestrado, apresentado em 2007, na Universidade Estácio de Sá, RJ, 2007. Disponível em: <[http://www.estacio.br/mestrado/educacao/completa/ticpe/elisabete\\_romero\\_bularmarqui.pdf](http://www.estacio.br/mestrado/educacao/completa/ticpe/elisabete_romero_bularmarqui.pdf)> acesso, out. 2011.

COFEM, Lei que **Institui o Estatuto de Museus**, disponível em <[http://cofem.org.br/?page\\_id=20](http://cofem.org.br/?page_id=20)>, acesso fev. de 2011.

IBGE. **Cidades@ População 2010**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> acesso maio de 2011.

ICOM, **Estatuto dos museus**. Disponível em <<http://www.icom.org.br/>> acesso maio de 2011.

FERNANDES, Elisângela. **O sujeito epistêmico de Piaget**, formação. Disponível em <<http://revistaescola.bril.com.br/formacao/formacao-continuada/sujeito-epistemico-piaget-11940.shtml?page=2>> acesso fev. de 2011.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/ Não-formal. Sion (Suiça), outubro, 2005. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/53944682/GADOTTI>> acesso nov. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/52775935/Educacao-nao-formal-1-Maria-da-Gloria-Gohn>> acesso nov. 2011.

VIEIRA, José Márcio da Silva. **Museu do Homem do Curimataú é inaugurado em Cuité**, in Boletim Informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia- Nº 45, revista Tarairiú, Sociedade Paraibana de Arqueologia, edição: março de 2010. Disponível em <[http://mhn.uepb.edu.br/Boletins/Boletim\\_45\\_MAR\\_2010.pdf](http://mhn.uepb.edu.br/Boletins/Boletim_45_MAR_2010.pdf)> acesso out. 2011.

**Colaboradores:**

FONSECA, Alexandre. Entrevista concedida ao autor, em 15 de nov. 2011.

GOMES, Maria Verônica A. Relatório enviado ao autor, em outubro de 2011.

JÚNIOR, Demócrito. Anotações de diálogos no museu, nov. 2011

\_\_\_\_\_. Anotações de diálogo com o autor em set de 2011.

OLIVEIRA, Rosinalva. Visita de jovens e adultos no museu, construção com o autor. Out. 2011.

PEREIRA, Claudenice. Entrevista concedida ao autor, em 15 de nov. 2011.

SILVA, Josenilda. Relatório enviado ao autor, em outubro de 2011.

SOARES, Eliel. Anotações de diálogos no museu, nov. 2011

SOCORRO, Maria do. Anotações diálogo com o autor em jun. 2011.